



Lamartine de Hollanda Cavalcanti Neto

**EFICÁCIA DO BELO
NA EDUCAÇÃO
SEGUNDO A
PSICOLOGIA TOMISTA**

INSTITUTO LUMEN SAPIENTIAE

Lamartine de Hollanda Cavalcanti Neto

**EFICÁCIA DO BELO
NA EDUCAÇÃO**



**SEGUNDO A
PSICOLOGIA TOMISTA**

**Instituto Lumen Sapientiae
São Paulo
2014**

EFICÁCIA DO BELO NA EDUCAÇÃO SEGUNDO A PSICOLOGIA TOMISTA

Ficha catalográfica

C 366p Cavalcanti Neto, Lamartine de Hollanda.
Eficácia do belo na educação segundo
a Psicologia Tomista/Lamartine de
Hollanda Cavalcanti Neto. 1. ed. São Paulo:
Instituto Lumen Sapientiae, 2014.

ISBN (ed. impressa): 978-85-66894-03-5

ISBN (e-book PDF): 978-85-66894-04-2

1. Psicologia Tomista. 2. Belo. 3. Educação

170p.

CDD 189.4

Capa e contracapa: “Encontro de doutores na Universidade de Paris”. Autor: desconhecido. Fonte: manuscrito medieval *Chants royaux*, *Bibliothèque Nationale*, Paris. Disponibilizado pela *Wikimedia Commons*. Arte final: Décio Mascarenhas.

Todos os direitos reservados, em todas as línguas. É permitida a reprodução e uso da edição desta obra disponibilizada na internet para fins exclusivamente educacionais, desde que sem alterações de conteúdo e sempre acompanhada da completa referência bibliográfica. Qualquer outro tipo de reprodução ou utilização, inclusive em sites, blogs ou congêneres, somente mediante prévia permissão escrita do autor.

INSTITUTO LUMEN SAPIENTIAE

Rua Dom Domingos de Silos, 238 – Jardim São Bento

CEP 02526 - 030 – São Paulo – SP

Telefones: 55 - 11 - 2256.9377 e 55 - 11- 4485.0081

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	3
INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 - EXAMINANDO OBJEÇÕES PRELIMINARES	12
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA TOMISTA NO ESTUDO DA PSICOLOGIA.....	19
CAPÍTULO 3 - POTÊNCIAS DO HOMEM E CICLO DA VIDA CONSCIENTE	26
1) Potências do ser humano e seus respectivos atos....	26
2) Objetos das potências	28
3) Processo cognoscitivo-operativo do ser humano	33
4) Ciclo da vida consciente.....	38
CAPÍTULO 4 - PAPEL DAS EMOÇÕES E DOS INSTINTOS NO CICLO DA VIDA CONSCIENTE.....	41
CAPÍTULO 5 - INTERAÇÃO DAS POTÊNCIAS HUMANAS: ATENÇÃO E MOTIVAÇÃO.....	52
CAPÍTULO 6 - INTERAÇÃO DAS POTÊNCIAS: PESSOA, PERSONALIDADE E CARÁTER	58
1) Contextualização epistemológica.....	58
2) Teoria da personalidade de inspiração tomista	60
3) ‘Eu’ psicológico ou personalidade	62
4) ‘Eu’ moral ou caráter	62
5) ‘Eu’ ontológico ou pessoa.....	64
6) Aportes dessa teoria da personalidade	67

CAPÍTULO 7 - INTERAÇÃO ENTRE OS TRANSCENDENTAIS DO SER E AS POTÊNCIAS DA ALMA..... 72

- 1) Os transcendentais do ser 72
- 2) Interações dos transcendentais do ser com a potência intelectual e a volitiva..... 84
- 3) Interações com os apetites sensitivos e com a cogitativa 92
- 4) Interações com os demais sentidos internos e externos..... 99

CAPÍTULO 8 - O *PULCHRUM* ENQUANTO CATALISADOR DE UMA SINERGIA DAS POTÊNCIAS E DAS SUAS INTERAÇÕES 107

- 1) Ação sinérgica do *pulchrum* sobre as potências da alma 107
- 2) Efeitos dessa sinergia na atenção e na motivação . 109
- 3) Efeitos dessa sinergia nos hábitos, personalidade e caráter 111
- 4) Condições para que o *pulchrum* possa exercer essa sua ação catalisadora 113

CAPÍTULO 9 - SINERGIA DAS POTÊNCIAS E ESSÊNCIA DA APRENDIZAGEM..... 116

CAPÍTULO 10 - A PESSOA ENQUANTO OBJETO DA EDUCAÇÃO E O EMPREGO DO *PULCHRUM*..... 124

- 1) A concepção tomista de pessoa 124
- 2) A pessoa enquanto objeto da educação 130
- 3) Aportes da concepção tomista de pessoa ao processo educativo..... 132
- 4) Concepção tomista de pessoa, emprego do *pulchrum* na educação e formação da cogitativa 136

CAPÍTULO 11 - EFICÁCIA DIDÁTICA E SOCIAL DO EMPREGO DO *PULCHRUM* 140

CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
ANEXO I – PRINCIPAIS REFERÊNCIAS À BELEZA NAS OBRAS DE SÃO TOMÁS DE AQUINO	152
ANEXO II – BIBLIOGRAFIA SOBRE A TRANSCEN- DENTALIDADE DO PULCHRUM EM SÃO TOMÁS DE AQUINO	155
REFERÊNCIAS	159

INTRODUÇÃO

Este é um livro voltado para os que se dedicam à elevada missão de educar. Entendemos aqui o termo ‘educador’ não somente no sentido estrito – e quão meritório – do professor que atua numa sala de aula. Temos em vista também todos aqueles que se entregam a algum tipo de atividade formativa, desde a iniciada no lar, pelos pais e parentes, até à que se consagram os autênticos formadores religiosos, incumbidos de *religare* as criaturas ao Criador.

Para muitos educadores contemporâneos, entretanto, uma introdução que trate dos problemas da educação em nossos dias pode chegar a parecer desnecessária, pois eles os conhecem e os vivem em seus quotidianos profissionais e até pessoais.

Insatisfeitos, talvez, com as incontáveis teorias que vêm se apresentando ao longo dos tempos, o interesse de todos os concernidos poderá estar muito

mais voltado para propostas de solução eficazes.

Apesar disso, e baseados no pressuposto de que nada mais prático do que uma boa teoria, vários estudiosos continuam se dedicando ao exame dos mencionados problemas.

Assuntos como a evasão e o fracasso escolar, o analfabetismo, sobretudo o funcional, o desinteresse, as diversas formas de indisciplina, contestação e violência, são recorrentes tanto nas publicações científicas, quanto na mídia em geral.

Em vista dos maiores ou menores insucessos das propostas e soluções até aqui apresentadas,¹ e dada a complexidade do tema, é compreensível que os pesquisadores continuem a procurar novas soluções. Inclusive para atender à mais que justificada demanda

¹ A menção às hodiernas dificuldades educacionais tem por objetivo apenas introduzir o assunto. Para não deixá-las no nível das generalidades, entretanto, e como já tivemos ocasião de examinar o problema mais detidamente em outro estudo, escusamo-nos de aduzir aqui maiores considerações sobre o mesmo, e encaminhamos o leitor interessado ao mencionado trabalho: CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Pessoa, ética e educação sob o enfoque tomista*. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2011. Disponível em: <<http://philpapers.org/archive/DEHPTE.pdf>>.

de soluções.

A abordagem científica da questão tem apresentado ponderáveis contribuições. Em vista dos insucessos anteriormente mencionados, entretanto, não seria interessante examinar também os aportes que a metodologia filosófica pode oferecer?

Ao contemplar as causas mais remotas de seus objetos de estudo, bem como os nexos mais profundos de causalidade, a Filosofia não poderia aduzir novos ângulos de investigação, novas perspectivas e valiosas contribuições?

Dentre as diversas escolas filosóficas que se projetaram ao longo dos séculos, a Tomista² sobressai por seus contributos ao conhecimento da psicologia

² Alguns autores preferem fazer distinções entre as expressões “tomista” e “tomasiana” ou “tomásica”, atribuindo estas duas últimas aos escritos e doutrinas mais diretamente procedentes de São Tomás de Aquino, e a primeira aos dos seus intérpretes. Entretanto, em se tratando de um estudo voltado para o público não especializado, como o presente, tais distinções podem não ser de estrita necessidade. Mesmo porque chegam, por vezes, a confundir o leitor comum, dado que alguns autores não as utilizam em sentidos unívocos. Por essa razão, utilizaremos aqui o termo “tomista” para abranger, indistintamente, todas as acepções acima mencionadas.

humana. Dentre estes, destacam-se o papel e as repercussões que a beleza, enquanto transcendental do ser, pode oferecer para a problemática em questão.

Quando se fala do belo, porém, pode-se tender a associar o assunto ao poético, ao artístico, ou mesmo ao mundo dos sonhos e das fantasias. A investigação das contribuições de São Tomás de Aquino sobre o tema, entretanto, sobretudo sob o prisma psicológico, revela um potencial de soluções concretas e eficazes que não deixam de surpreender.

O objetivo deste livro é, pois, voltar a atenção dos educadores, em seus diversos âmbitos, para os aportes que o Doutor Angélico tem a oferecer nessa matéria. Mais especificamente, o livro tem por meta examinar a eficácia didática que o recurso ao belo (*pulchrum*, em Latim) pode oferecer como resposta aos desafios educacionais da contemporaneidade.

Sua metodologia de estudo é basicamente a da pesquisa documental e bibliográfica, como suporte para o exercício do raciocínio lógico, tanto para a

dedução de aplicações teóricas, quanto para a elaboração de sugestões concretas às questões em exame. Seu estilo de redação procura conciliar o rigor acadêmico com a clareza de linguagem acessível ao leitor não especializado, de maneira a permitir seu aproveitamento mesmo nos diversos modos de educação informal, inclusive na formação dos filhos.

Seu enfoque, contudo, é predominantemente teórico. Pois caso pretendesse entrar nos aspectos práticos da utilização do belo em cada um dos mais diversos âmbitos do ensino e da aprendizagem, transformar-se-ia num extenso tratado, talvez com vários volumes.

Por outro lado, por razões editoriais foi adotada uma metodologia referencial em notas de rodapé que pode, por vezes, afigurar-se incômoda ao leitor comum. Os que não estão habituados com ela não precisam dar-lhe maior atenção, sobretudo se chegar a lhes prejudicar o curso da leitura. Ela se destina mais aos leitores do mundo acadêmico, aos quais pode ser

útil no sentido de estimular e facilitar a pesquisa, bem como o aprofundamento do tema.

Este é, aliás, um dos anseios deste trabalho: motivar o desenvolvimento dos estudos nessa área, tendo em vista sua eficácia e sua beleza intrínseca.

O outro anelo, que forma com o primeiro como que um arco gótico, é que possa ser de real utilidade a todos os que se dedicam, nos seus mais diversos níveis, a uma das mais nobres atividades exercidas por um ser humano: a formação de outro ser humano.

São Paulo, 27 de novembro de 2014.

Lamartine de Hollanda Cavalcanti Neto.³

³ Médico psiquiatra, professor de Psicologia no Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista, especialista em Teologia Tomista e doutor em Bioética.

CAPÍTULO 1 - EXAMINANDO OBJEÇÕES PRELIMINARES

Uma objeção preliminar, entretanto, poderia ser apresentada por um estudioso das ciências psicológicas. Reconheceria ele, sem dificuldade, as escolas neuropsicológicas, as cognitivas e cognitivo-comportamentais, as behavioristas, as psicanalíticas e suas diversas variantes, a humanista, a gestaltista, a junguiana, a estruturalista, a funcionalista, a associacionista ou outras ainda mais distantes no tempo.

Falar, porém, de uma Psicologia e de uma Psicopedagogia Tomista – objetaria ele – não poderia ser considerado um exagero pouco acadêmico?

Uma análise mais acurada dessa objeção fugiria aos objetivos deste estudo. Como já tivemos oportunidade de analisar mais detidamente a questão da ‘cidadania’ acadêmica do Tomismo e da Psicologia Tomista, bem como de examinar esta última com

adequada profundidade em tese de doutorado defendida no ano de 2012,⁴ remetemos à mesma o leitor interessado. Baseamos, aliás, o presente trabalho na mencionada tese, embora direcionando e desenvolvendo a análise em vista da questão de pesquisa delineada na introdução.

Limitamo-nos, por isso, a ponderar que o que pode ser novidade para um especialista numa determinada ciência, pode ser matéria já bem conhecida para os que se dedicam a outras. Razão pela qual o estudioso de orientação tomista não teria a menor dificuldade em aceitar tal ‘cidadania’.

Em atenção aos que não tenham a referida orientação, entretanto, convém recordar que a existência de uma Psicologia Tomista é um fato histórico, constatável pela leitura da Obra de São

⁴ CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do ethos*. 2012. 571f. Tese (Doutorado em Bioética) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://philpapers.org/rec/CAVCDP-2>>. A questão da aludida ‘cidadania’ acadêmica está examinada mais especificamente no tópico “4.1.7 Academicidade da Psicologia Tomista”. Para um aprofundamento sobre o uso do termo ‘tomista’ ou equivalentes, mencionado na nota de número 2, ver o tópico “4.1.1 Esclarecimentos quanto ao emprego do termo ‘tomista’”.

Tomás de Aquino e de qualquer texto de boa qualidade sobre a história da Psicologia.

É bem verdade que o Doutor Angélico não redigiu nenhum volume específico sob esse título. São, porém, incontáveis as vezes em que ele aborda o assunto, sob diversos ângulos de visão, em vários de seus escritos.

De tal modo sua existência pode ser considerada um fato evidente para os estudiosos da matéria que um dos tomistas do século XX que mais se destacou pela sistematização dos ensinamentos de São Tomás nessa área, o Padre Robert Edward Brennan, O. P., não se ocupou em dar uma definição específica para a Psicologia Tomista nas obras que dedicou à mesma.⁵

Outros autores que incluem a expressão no

⁵ BRENNAN, Robert Edward. *Psicología tomista*. Tradução Efrén Villacorta Saiz, rev. José Fernandez Cajigal. Barcelona: Científico Médica, 1960; e idem. *Psicología general*. Tradução Antonio Linares Maza 2. ed. Madrid: Morata, 1969. Ainda que não se trate de uma definição de Psicologia Tomista, o Padre Brennan não deixa de esclarecer que: “Para Tomás de Aquino, pois, e para todos os que seguem sua tradição, a Psicologia consiste *no estudo dos atos, potências e hábitos do homem*” (BRENNAN. *Psicología tomista*. Op. cit., p. 80, tradução nossa, itálicos do original).

título de seus trabalhos, como, por exemplo, Alibert,⁶ Butera,⁷ Cantin,⁸ Faitanin,⁹ Gallo¹⁰ ou Zaragüeta Bengoechea,¹¹ preocuparam-se menos em defini-la ou comprovar sua existência do que em descrevê-la e comentá-la. Pela razão evidente de que não se descreve ou comenta o que não existe.

Da mesma forma, outra evidência dessa ‘cidadania’ acadêmica é que o mundo universitário também não estuda o que não existe. E, nesse sentido, o número incontável de trabalhos acadêmicos sobre a Obra e os ensinamentos do Doutor Angélico, abrangendo ou não temas psicológicos, é um fato contra o qual não subsistem nem argumentos, nem

⁶ ALIBERT, Charles. *La psychologie thomiste et les théories modernes*. Paris: Beauchesne, 1903.

⁷ BUTERA, Giuseppe. Thomas Aquinas and cognitive therapy: an exploration of the promise of the Thomistic Psychology. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, v. 17, n. 4, p. 347-366, Dec. 2010.

⁸ CANTIN, Stanislas. *Précis de psychologie thomiste*. Québec: Université Laval, 1948.

⁹ FAITANIN, Paulo Sérgio. *A psicologia tomista*. [20--]. Disponível em: <<http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/tomismo-filosofia-a-psicologiatomista.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2011.

¹⁰ GALLO, Jorge Herrera. *La psicología tomista en la actualidad*. [20--]. Disponível em: <<http://www.enduc.org.ar/comisfin/ponencia/102-06.doc>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

¹¹ ZARAGÜETA BENGOTXEA, Juan. *Los rasgos fundamentales de la psicología tomista*. Madrid: La Enseñanza, 1925.

preconceitos.¹²

Para dar uma noção mais precisa à Psicologia e à Psicopedagogia Tomista, contudo, podemos ampliar a definição de Psicologia geral formulada por Brennan,¹³ e conceituar a Psicologia Tomista como sendo o estudo do homem em seus atos, propriedades e essência, segundo os princípios e a cosmovisão de São Tomás de Aquino.

De modo análogo, e em vista das consequências educacionais que se pode depreender de diversas partes de sua *Opera omnia*, podemos falar numa Psicopedagogia Tomista como um enfoque psicoeducacional baseado na doutrina teológica e filosófica do Aquinate nessa área específica.

Desconhecemos, entretanto, até aqui, trabalhos

¹² O leitor interessado poderá encontrar uma ampla compilação de obras do gênero na bibliografia organizada por Alarcón na *Bibliographia Thomistica*, disponível na internet em: <<http://www.corpusthomisticum.org/zbiblia.html>>, bem como em CAVALCANTI NETO. *Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do ethos*. Op. cit., no tópico “4.1.7 Academicidade da Psicologia Tomista”.

¹³ “Psicologia geral é o estudo do homem em seus atos, propriedades e essência” (BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 59, tradução nossa).

publicados de sistematização da mencionada doutrina com uma envergadura como a dos realizados, por exemplo, por Brennan e pelos outros autores que mencionamos no campo psicológico-tomista.¹⁴

Como já expressado na introdução, entretanto, mais que uma tentativa no sentido de contribuir para essa sistematização, focando, aliás, apenas uma parte dela, este livro é animado pelo desejo de estimular a pesquisa e o aprofundamento do tema, dadas as suas inestimáveis consequências teóricas e práticas para a educação. E por isso representa um convite a uma união de esforços nesse sentido.

Antes de concluir este tópico, convém voltar a atenção para outra objeção que poderia ser levantada ao tema. Ela diz respeito à metodologia empregada pelo Doutor Angélico, e ainda mais remotamente por Aristóteles, no qual aquele se baseia para estruturar

¹⁴ Talvez se possa considerar como trabalhos, dentre outros, que se aproximam desse objetivo o de MAYER, Mary Hellen; FITZPATRICK, Edward. *Filosofia da educação de Santo Tomás de Aquino*. Tradução Maria Ignez de Moraes Cardim. São Paulo: Odeon, 1935; bem como o de GUZIE, Tad W. *The analogy of learning: an essay toward a Thomistic Psychology of learning*. London: Sheed and Ward, 1960.

suas concepções em matéria de Psicologia. Seria científica essa metodologia?

A questão parece desafiar não somente a Psicologia Tomista, mas qualquer outra tentativa de investigação que escape aos estritos domínios da ciência empirista, consolidada ademais, por uma incontável quantidade de estudos alinhados com esta visão epistemológica.

Em que pese o valor científico destes, entretanto, a mesma objetividade científica manda avaliar todas as alternativas de investigação disponíveis para o estudo de qualquer objeto. E tanto mais lógico será seguir essa orientação, quanto mais importante o objeto, como é o caso da mente humana.

Não valeria a pena, portanto, conhecer a metodologia empregada por São Tomás para chegar às suas conclusões? O assunto, contudo, é tão vasto que ultrapassaria o âmbito do presente capítulo, parecendo mais didático dedicar-lhe um capítulo à parte, tendo em vista responder de modo mais claro a essa possível objeção.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA TOMISTA NO ESTUDO DA PSICOLOGIA

A leitura dos textos em que São Tomás de Aquino trata de temas atinentes à Psicologia revela que ele se servia de um método empregado pela ciência atual. Trata-se da observação, a qual, como reconhecem os que tratam de metodologia científica, é uma das técnicas empregadas tanto para o levantamento dos dados, quanto para a testagem das hipóteses de pesquisa.

Como recorda Braghirolli et al.,¹⁵ por exemplo, a observação pode ser tanto naturalista, quando examina o sujeito da pesquisa sem maiores recursos tecnológicos e em seu ambiente cotidiano, quanto controlada, quando se serve de instrumentos e técnicas apropriadas para controlar as variáveis que podem interferir no comportamento.

O comportamento costuma ser o objeto da

¹⁵ BRAGHIROLLI, Elaine Maria et al. *Psicologia geral*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

observação em Psicologia. Como fazia o Aquinate, entretanto, que tinha como objeto a alma humana, para observá-la sendo ela, por definição, uma realidade imaterial e inacessível à observação direta dos sentidos?

Como demonstram Barbado¹⁶ e Brennan,¹⁷ tanto Aristóteles como São Tomás serviam-se principalmente de uma forma específica de observação que é a introspecção. Collin¹⁸ a define como “um olhar minucioso ao interior de si mesmo para *examinar* mentalmente um de seus atos e analisá-lo como um objeto bem distinto”.

O próprio Doutor Angélico explicita seu método em algumas passagens, como, por exemplo, quando diz que “esta ciência que se tem da alma é certíssima porque cada um experimenta em si mesmo

¹⁶ BARBADO, Manuel. *Introducción a la psicología experimental*. 2. ed. Madrid: Instituto Luís Vives de Filosofía, 1943.

¹⁷ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit.

¹⁸ COLLIN, Henri. *Manuel de philosophie thomiste*. Psychologie. Reedição de Robert Terribilini. Paris: Téqui, 1949. v. 2, p. 45, itálico do original, tradução nossa.

a posse da alma e a presença em si de seus atos”.¹⁹

Ou quando afirma que:

Cada um pode observar em si mesmo. Quando alguém procura conhecer alguma coisa, logo forma para si algumas representações imaginárias a modo de exemplos, nos quais pode ver, por assim dizer, o que se procura compreender. Igualmente, quando queremos fazer conhecer uma coisa a alguém, lhe propomos exemplos a partir dos quais possa ele formar representações imaginárias para compreender.²⁰

Ou ainda quando, tratando da intelecção, assevera que “isso conhecemos experimentalmente, quando observamos que as formas universais nós as

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Le questioni disputate*. La verità (De Veritate), questioni 10-20. Testo latino dell’Edizione Leonina e traduzione italiana. Tradução Roberto Coggi. Bologna: Studio Domenicano, 1992. v. 2. Q. 10, a. 8, ad 8, p. 96, tradução nossa.

²⁰ TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. Trad. Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2001-2006. 9 v. I, q. 84, a. 7. Doravante se utiliza sempre esta tradução neste trabalho. Seguiremos a metodologia de referência tradicional das Obras de São Tomás e outros clássicos, dispensando-nos da indicação do Autor, bem como da numeração de páginas, mesmo em transcrições literais, porque os textos podem ser localizados mediante a indicação das partes (I, I-II, II-II, III), questões (q.) e artigos (a.).

abstraímos de suas condições particulares”.²¹

São Tomás, como também Aristóteles, servia-se ainda da observação externa, isto é, das reações e comportamentos das outras pessoas, baseados no princípio filosófico de que os efeitos podem evidenciar as causas,²² mesmo quando estas não são aparentes.

O leitor desejoso de um maior aprofundamento na metodologia tomista poderá encontrar subsídios em trabalhos como os de Alarcón,²³ Barbado,²⁴ Brennan,²⁵ Cavalcanti Neto,²⁶ Elders,²⁷ Faitanin,²⁸ Gillet,²⁹ Grabmann³⁰ ou Salles.³¹

²¹ *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 4.

²² *Suma Teológica*, II-II, q. 8, a. 1.

²³ ALARCÓN, Enrique. Una cuestión de método: consideraciones previas a la interpretación de Sto. Tomás de Aquino. *Aquinate*, n.1, p. 200-213, 2005.

²⁴ BARBADO. Op. cit.

²⁵ BRENNAN. *Psicología general e Psicología tomista*. Op. cit.

²⁶ CAVALCANTI NETO. *Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do ethos*. Op. cit., mais especificamente nos tópicos “4.2.2 Metodologia tomista em geral” e “4.2.3 Metodologia tomista no estudo da Psicologia”.

²⁷ ELDERS, Leo. *Sobre el método en Santo Tomás de Aquino*. Buenos Aires: Sociedad Tomista Argentina, 1992.

²⁸ FAITANIN, Paulo Sérgio. A metodologia de São Tomás de Aquino. *Aquinate*, n. 4, p. 122-135, 2007.

²⁹ GILLET, Martin Stanislas. La méthode philosophique de S. Thomas

Embora não escrevendo diretamente sobre a metodologia de São Tomás, Figueiredo³² faz também oportunos esclarecimentos quanto a este particular na sua introdução ao *De ente et essentia*,³³ que traduziu e comentou.

Conhecido o método empregado pelo Aquinate, parece conveniente examinar ainda outra possível objeção preliminar ao nosso estudo.

Alguns psicólogos contemporâneos poderiam contestar a validade científica da introspecção, dada a sua susceptibilidade à interferência voluntária do indivíduo examinado, que pode observar e revelar fielmente ou não o que existe em seu interior. Ou até

et l'expérience. *Angelicum*, n. 7, p. 145-168, 1930.

³⁰ GRABMANN, Martin. De methodo historico in studiis scholasticis adhibenda. *La Ciencia Tomista*, n. 27, p. 194-209, 1923.

³¹ SALLES, Sérgio de Souza. Aos significados de análise e síntese em Tomás de Aquino. *Coletânea*, n. 8, v. 15, p. 125-141, 2009; e idem. O *modus cogitandi* de Tomás de Aquino: notas sobre os conceitos de *resolutio* e *compositio*. *Aquinate*, n. 4, p. 87-100, 2007.

³² FIGUEIREDO, Maria José. Introdução. In: TOMÁS DE AQUINO, Santo. *O ente e a essência*. Introdução, tradução, notas e apêndice de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. p. 11-36.

³³ TOMÁS DE AQUINO, Santo. *O ente e a essência*. Introdução, tradução, notas e apêndice de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

mesmo por parte do examinador, que pode influenciar seu paciente de um modo ou de outro.

Sem embargo, os mesmos que a contestam não deixam de usar recursos técnicos diagnósticos, como, por exemplo, os testes de personalidade, em especial os projetivos, que levam o paciente a examinar-se para manifestar sua interioridade.

Ademais, qualquer psiquiatra ou psicólogo, ao fazer a anamnese de seu paciente, o induz a uma introspecção para poder expressar sua sintomatologia, sem o que seria quase impossível ao profissional formular um diagnóstico e uma conduta terapêutica.

Embora possa haver quem utilize mal a introspecção, isto não a invalida enquanto metodologia, desde que devidamente aplicada. Pois a exceção não invalida a regra, e a utilização inadequada ou fraudulenta de um método científico, seja ele qual for, não é razão suficiente para eliminá-lo. Do contrário, seria necessário desistir da ciência, pois qualquer método científico é passível de graus maiores ou menores de manipulação.

Por fim, a cientificidade do método tomista se apoia na do aristotélico, que é sua principal fonte nessa matéria. Embora nesse ponto possa não haver unanimidade, existe uma grande quantidade de autores de peso que consideram Aristóteles, nada mais, nada menos, como o fundador do método científico.

Barbado³⁴ dedica um de seus capítulos ao exame da questão, elencando citações de vários autores que defendem essa tese com argumentos insofismáveis.

Como o livro de Barbado não é de fácil acesso, dada a sua antiguidade, disponibilizamos ao leitor que se interesse por esse particular uma síntese do seu levantamento bibliográfico e da sua argumentação em nossa já mencionada tese, cujo acesso é facilitado pelo fato de estar disponível na internet.³⁵

³⁴ BARBADO. Op. Cit.

³⁵ CAVALCANTI NETO. *Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do ethos*. Op. cit., mais especificamente no tópico “4.2.3 Metodologia tomista no estudo da Psicologia”.

CAPÍTULO 3 - POTÊNCIAS DO HOMEM E CICLO DA VIDA CONSCIENTE

É oportuno recordar agora, ainda que sucintamente, o ensinamento do Doutor Comum sobre o dinamismo da mente humana.

1) Potências do ser humano e seus respectivos atos

Com base nas concepções da metafísica de Aristóteles sobre ato e potência, São Tomás³⁶ mostra que os atos humanos são propiciados pela existência de potências radicadas na alma, mas que necessitam da união com o corpo para operar.

É pela observação desses mesmos atos, aliás, tanto exterior como introspectivamente, que ambos chegam à demonstração lógica da existência das respectivas potências ou faculdades, num singular exercício de complementaridade do que hoje se chamaria de metodologia filosófica e científica.

³⁶ *Suma Teológica*, I, qq. 77 e 78.

São Tomás identifica, basicamente, quatro grandes gêneros de potências³⁷ e suas respectivas espécies. Cada potência tem a capacidade de produzir atos específicos. De modo sintético, podemos apresentá-las como segue:

- Potências cognoscitivas, que incluem a inteligência, os sentidos externos e internos. Seus atos são, respectivamente, o conhecimento intelectual e o sensitivo (externo e interno).
- Potências apetitivas, que se subdividem no apetite racional (ou vontade), no apetite sensitivo (repartido, por sua vez, em concupiscível e irascível), e no apetite

³⁷ Na *Suma Teológica*, I, q. 78, a. 1, o Doutor Angélico enumera, com base em Aristóteles, cinco gêneros de potências: o vegetativo, o sensitivo, o apetitivo, o locomotor e o intelectual. Contudo, o sensitivo e o intelectual podem ser abrangidos num gênero maior, denominado cognoscitivo, dado que o conhecimento se faz tanto pelos sentidos internos e externos, quanto pelo intelecto, interagindo entre si, como explanaremos mais detidamente a seguir. O próprio São Tomás o demonstra em I, q. 84, a. 6, ao comentar como o conhecimento intelectual é adquirido a partir dos sentidos. Por essa razão, sistematizadores de sua doutrina psicológica, como Brennan (*Psicología general*. Op. cit.), por exemplo, podem falar de quatro grandes gêneros de potências e não cinco, como pediria uma tradução literal do mencionado trecho da *Suma Teológica*.

natural. Seus atos respectivos são os volitivos, os apetitivos sensitivos e o apetitivo natural.

- Potência locomotora. Seus atos são todos os que permitem a locomoção e motilidade humana.
- Potência vegetativa. Seus atos são os relacionados com a vida vegetativa do homem, isto é, o nutrir-se, o desenvolver-se e o reproduzir-se.

2) Objetos das potências

Para se exercerem, essas potências atuam sobre objetos específicos. Com base na metodologia de investigação descrita anteriormente, bem como no corpo doutrinário prévio elaborado principalmente por Aristóteles, São Tomás identifica os objetos de cada potência do ser humano.

Apoiados na síntese oferecida por Brennan,³⁸ podemos dizer que a potência vegetativa atua sobre a

³⁸ BRENNAN. *Psicología tomista*. Op. cit.

alimentação, reprodução e desenvolvimento dos corpos, e os sentidos externos têm por objeto as qualidades sensíveis dos corpos.

Já os sentidos internos atuam de modo mais particular. O sentido comum, sobre as qualidades dos corpos atualmente presentes; a potência imaginativa, sobre as qualidades dos corpos ausentes; a memorativa, sobre as qualidades passadas dos corpos; e a cogitativa, sobre as qualidades úteis ou prejudiciais dos corpos, ou ainda, sobre as qualidades insensíveis dos mesmos, isto é, aquelas que não são captadas por nenhum outro sentido, a não ser pela própria cogitativa.

As potências apetitivas sensitivas têm como objeto os bens e os males dos corpos, e a potência locomotora atua sobre a mobilidade dos corpos.

A potência intelectual e a apetitiva racional (ou vontade), por serem as mais elevadas, merecem uma atenção especial. Inclusive pelo seu papel na interação com os transcendentais do ser e as consequências dessa interação sobre o processo educativo, como

veremos adiante.

Acresce que, diferentemente das demais potências, a inteligência e a vontade podem mover-se a si mesmas, e por isso podem não só mover como dirigir as demais:

Como se disse anteriormente, pertence à vontade mover as outras potências em razão do fim, que é o objeto da vontade. Também acima foi dito que o fim está para as coisas apetecíveis como o princípio para as inteligíveis. Evidencia-se, pois, que o intelecto ao conhecer o princípio, se reduz de potência a ato, quanto ao conhecimento das conclusões, e desse modo, move-se a si mesmo. O mesmo se dá na vontade ao querer o fim. Ela se move a si mesma para querer as coisas que são para o fim.³⁹

No tocante ao objeto da inteligência, o Doutor Angélico demonstra que “o objeto de nosso intelecto, na vida presente, é a quiddidade da coisa material que é abstraída das representações imaginárias”.⁴⁰

Quidditas ou quiddidade significa aquilo que um

³⁹ *Suma Teológica*, I-II, q. 9, a. 3, co.

⁴⁰ *Suma Teológica*, I, q. 85, a. 8.

ente é, ainda que de modo pouco claro. Formular a ideia de casa, de rua ou de cidade, por exemplo, já é captar a quiddidade de cada um desses seres, ou seja, aquilo que eles são.

Como examinaremos logo a seguir, a inteligência humana se volta direta e imediatamente para os *phantasmata* ou imagens resultantes da percepção e imaginação dos objetos, para deles abstrair as características singulares e assim entender a sua quiddidade.

O intelecto pode ter ainda outros objetos próprios, além da quiddidade abstraída dos seres materiais. São objetos atingíveis, porém, por vias indiretas: “é pelas naturezas das coisas visíveis que se eleva a um certo conhecimento das realidades invisíveis”.⁴¹ Segundo São Tomás⁴² tais objetos indiretos são a própria inteligência humana, os entes singulares e os seres imateriais.

A importância da identificação do objeto da

⁴¹ *Suma Teológica*, I, q. 84, a. 7.

⁴² *Suma Teológica*, I, qq. 86, 87, 88.

inteligência decorre do papel diretivo que ela assume sobre o conjunto das potências, especialmente na mobilização da vontade.⁴³ Pois é esta que, em seu normal funcionamento, comandará mais diretamente as demais potências subordinadas (apetites natural e sensitivos, sentidos internos e externos, potências locomotora e vegetativa, naquilo em que esta última não tenha funcionamento autônomo).

Quanto ao objeto da potência volitiva, cumpre recordar que o Doutor Angélico define a vontade como “um apetite racional”.⁴⁴ Ele identifica seu objeto como sendo “a razão de bem”⁴⁵ existente nos seres. É este bem, ou bondade (*bonum*, em Latim) que é procurado pela vontade.

Essa explicitação assume um significado especial se recordarmos que, todo ente, pelo fato de existir, é portador de um bem intrínseco. Este bem é a própria existência, dado que o mal é a ausência ou deficiência de bem, associada, portanto, à ausência ou

⁴³ *Suma Teológica*, I-II, q. 9, a. 1.

⁴⁴ *Suma Teológica*, I-II, q. 8, a. 1.

⁴⁵ *Suma Teológica*, I-II, q. 8, a. 2.

deficiência de existência, como se depreende do ensinamento do Doutor Comum:

Cada coisa tem de bem quanto tem de ser, pois o bem e o ente se convertem, como foi dito na I Parte. [...] Assim, quanto tem de ser, tanto tem da bondade. Carecendo, porém, de algo da plenitude do ser, é deficiente na bondade, e se torna mau”.⁴⁶

3) Processo cognoscitivo-operativo do ser humano

O dinamismo e a interação dessas potências são responsáveis pela capacidade humana de entender racionalmente a realidade e de agir em consequência. Embora esse processo cognoscitivo-operativo possa se completar em frações de segundos e forme uma unidade em seu conjunto, para torná-lo mais facilmente compreensível o Doutor Angélico o subdivide didaticamente em etapas, as quais serão apresentadas de modo sintético a seguir.

Segundo São Tomás,⁴⁷ os sentidos externos

⁴⁶ *Suma Teológica*. I-II, q. 18, a. 1.

⁴⁷ *Suma Teológica*, I, q. 78, aa. 3 e 4.

captam a realidade exterior de um objeto e comunicam essa informação aos internos. O primeiro destes, que é o sentido comum,⁴⁸ trata de sintetizar tais informações de modo a fornecer-nos a percepção.

Em seguida, os demais sentidos internos, que são a imaginação, a memória e a cogitativa, promovem a formação de uma imagem mental da realidade percebida.

Trata-se de uma espécie de tradução da informação sensorial, carregada de dados materiais, para uma espécie de linguagem formal, compreensível pela alma, que é uma realidade puramente formal.

Sobre essa imagem mental atuará a inteligência,⁴⁹ por meio do intelecto agente,⁵⁰ abstraindo as características singulares do objeto para captar sua quiddidade e assim formular a ideia ou

⁴⁸ Embora alguns traduzam a expressão como senso comum, preferimos denominá-la sentido comum para evitar confusões com o sentido lato da primeira expressão, que diz respeito ora ao chamado bom senso, ora ao consenso de opiniões em grupos sociais.

⁴⁹ *Suma Teológica*, I, q. 85.

⁵⁰ *Suma Teológica*, I, q. 79, aa. 3 e 4.

conceito abstrato do objeto.⁵¹

Tendo formulado sua noção ou conceito universal, que se aplica a todos os seres que se enquadram no seu gênero, o intelecto retornará à imagem mental⁵² daquele objeto concreto para procurar conhecer também seus acidentes, ou seja, suas características singulares: temporais, materiais, relacionais, quantitativas e qualitativas.

Desse modo, ele entenderá também a sua singularidade, completando, assim, o processo da intelecção ou simples apreensão.

É o que acontece, por exemplo, quando uma pessoa vê um animal e o identifica como um cavalo (ideia abstrata), e, depois, como aquele cavalo concreto (com aquela cor, tamanho, idade, estado de saúde aparente e demais características).

Acresce que, como demonstra São Tomás,⁵³

⁵¹ Para mais elementos sobre a noção de ideia em São Tomás, ver, por exemplo, OLIVEIRA, Carlos Eduardo. Ideias: formas, *rationes* e *species*. A *Quaestio de ideis* de Tomás de Aquino. *Discurso*, n. 40, p. 95-121, 2010.

⁵² *Suma Teológica*, I, q. 84, a. 7.

⁵³ *Suma Teológica*, I, q. 85, a. 5, co.

diferentemente do intelecto divino e do angélico, “que desde o princípio têm toda a sua perfeição”,⁵⁴ o intelecto humano conhece a realidade através de um processo discursivo, isto é, compondo e dividindo aquilo que apreende, para progredir na perfeição do seu conhecimento:

É necessário que o intelecto humano conheça por composição e divisão. Passando da potência ao ato, ele se assemelha às coisas passíveis de geração, que não têm imediatamente toda a sua perfeição, mas a adquirem gradualmente. Igualmente, o intelecto humano não obtém desde a primeira apreensão o conhecimento perfeito de uma coisa; mas conhece primeiramente algo dela, por exemplo, sua quiddidade, que é o objeto primeiro e próprio do intelecto; depois conhece as propriedades, os acidentes, os modos de ser, que têm relação com a essência da coisa. Desse modo, deve compor os elementos apreendidos ou dividi-los, e em seguida passar de uma composição ou divisão a outra, o que é raciocinar.⁵⁵

⁵⁴ *Suma Teológica*, I, q. 85, a. 5, co.

⁵⁵ *Ibidem*.

É por conta disso que, como demonstra Brennan,⁵⁶ com base na simples apreensão a mente humana pode passar a formular juízos, ao comparar os conceitos enunciados, e a mútua relação de inclusão ou de exclusão do sujeito com seu predicado, ou seja, aquilo que se diz dele. Por exemplo, comparando dois cavalos, pode-se chegar a um juízo sobre a idade dos mesmos: este cavalo é mais novo do que aquele.

Ao comparar os juízos, o intelecto passa a desenvolver inferências ou raciocínios, completando assim o ciclo de sua capacidade cognoscitiva. Como exemplo: todo cavalo envelhece e morre; se este é mais novo do que aquele, é melhor comprar o mais novo porque provavelmente morrerá depois.

Tal conhecimento permitirá que a pessoa deseje ou rejeite o que conheceu, por meio das potências apetitivas, locomova-se em consequência, através da potência locomotora e, desse modo, sobreviva, nutra-se, cresça e reproduza-se, por meio da potência vegetativa.

⁵⁶ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit.

4) Ciclo da vida consciente

O mencionado processo, que Brennan denomina “ciclo da vida consciente”,⁵⁷ pode ser, portanto, assim esquematizado:

CONHECER [faculdades cognoscitivas: sentidos externos → sentidos internos → inteligência (conhecimento racional)] → APETECER [faculdades apetitivas (*orexis*): 1) natural (comum a todos os seres vivos); 2) sensitiva (comum com os animais): apetite concupiscível e irascível; 3) racional (comum aos Anjos e homens): decisões voluntárias que procedem do conhecimento racional] → AGIR [faculdade locomotora: ação].⁵⁸

É com base na conjugação e na continuidade desses atos cognoscitivo-operativos que o ser humano pode implementar sua adaptação ao meio em que vive, o desenvolvimento de sua personalidade, sua

⁵⁷ BRENNAN. *Psicología tomista*. Op. cit., p. 173.

⁵⁸ Cf. *ibidem*, e CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Psicologia geral sob o enfoque tomista*. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2010, p. 93.

educação, sua formação moral e cultural, sua interação social⁵⁹ e demais processos da vida em sociedade.

Aduzimos outro exemplo simples para facilitar a compreensão. Diante de uma casa, os sentidos externos captam suas características e as transmitem aos sentidos internos. O primeiro destes as sintetiza, permitindo a percepção; os outros três interagem para formar uma imagem mental da casa. Nesta interação, destaca-se o papel da cogitativa, que tem por função mostrar a utilidade ou nocividade do objeto conhecido para o sujeito conhecedor.

A inteligência primeiramente abstrai as características concretas daquela moradia e depois formula a ideia abstrata de casa, aplicável a qualquer uma do gênero. O sujeito entende o que é o objeto que tem diante de si: é uma casa.

Em seguida, a inteligência volta-se para a

⁵⁹ Segundo Braghirolli et al. (op. cit.) a interação social é o processo de relacionamento entre duas ou mais pessoas, no qual a ação de uma delas é, ao mesmo tempo, resposta e estímulo para a(s) outra(s). Trata-se de um conceito básico da Psicologia Social, uma vez que esta se dedica ao estudo da interação social, em seus múltiplos aspectos.

imagem mental e formula a ideia concreta daquela casa individualmente considerada, com suas cores, idade, dimensões, etc. Depois, ela a compara com outras ideias (de outras casas, de ruas, de preços) e formula juízos: esta casa é mais bonita do que aquela, tem melhor preço, está numa rua mais agradável.

Formula, então, raciocínios sobre a conveniência da compra, deseja-a sensitiva e racionalmente, locomove-se e a adquire. E assim o processo repete-se e se desdobra continuamente, permitindo ao indivíduo interagir com o meio ambiente e com a sociedade.

CAPÍTULO 4 - PAPEL DAS EMOÇÕES E DOS INSTINTOS NO CICLO DA VIDA CONSCIENTE

Os apetites sensitivos⁶⁰ e a potência cogitativa têm um papel especial no processo que estamos examinando. Assestemos o foco em cada uma dessas potências, para compreendê-las melhor.

Compendiando os ensinamentos tomistas, Brennan⁶¹ define apetite ou *orexis* como o “tender para algo impulsionado por um desejo”. Depois de demonstrar a existência de uma potência apetitiva na alma, São Tomás de Aquino⁶² divide os apetites em racional (ou vontade), sensitivos e natural.

Quanto aos sensitivos, o Aquinate⁶³ dá-lhes este nome porque dizem respeito à vida sensitiva do

⁶⁰ Utilizaremos a seguir a expressão apetite(s) sensitivo(s) ora no plural, quando queremos enfatizar a distinção entre o apetite sensitivo concupiscível e o irascível, ora no singular, quando nos referimos ao gênero apetitivo sensitivo. Sob qualquer das duas formas, entretanto, refere-se à mesma realidade psicológica.

⁶¹ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 245, tradução nossa.

⁶² *Suma Teológica*, I, q. 80, aa. 1 e 2.

⁶³ *Suma Teológica*, I, q. 81, aa. 1 e 2.

ser humano, a mesma que temos em comum com os irracionais. Tais apetites situam-se, portanto, num nível pré-racional, embora seus efeitos sejam perfeitamente detectáveis e, sob determinadas condições, controláveis pela razão.⁶⁴

O Doutor Angélico⁶⁵ distingue os apetites sensitivos em concupiscível e irascível, segundo se voltem, no primeiro caso, para bens fáceis de obter ou males fáceis de evitar, e no segundo, para bens ou males difíceis de conquistar ou de evitar, respectivamente.

São Tomás⁶⁶ demonstra que os apetites sensitivos são potências e, como tais, propiciam a realização de atos, que ele denomina paixões, termo que, em nossos dias, pode ser entendido como emoções e/ou sentimentos.

Segundo Brennan,⁶⁷ o termo paixão poderia ser entendido genericamente como emoção, ou ainda

⁶⁴ *Suma Teológica*, I, q. 81, a. 3.

⁶⁵ *Suma Teológica*, I, q. 81, a. 2.

⁶⁶ *Suma Teológica*, I, qq. 80 e 81; I-II, qq. 22 a 48.

⁶⁷ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit.

como abrangendo uma subdivisão: as emoções como sendo as paixões que promovem maiores alterações fisiológicas, e os sentimentos, como as que promovem modificações menos intensas.

Na *Suma Teológica*, o Aquinate⁶⁸ enumera onze paixões básicas, a saber: amor, desejo, alegria, ódio, aversão, tristeza, esperança, desespero, audácia, medo e ira. Dentre elas, considera como principal, na ordem da geração ou da execução, o amor. E na ordem da intenção ou finalidade, a alegria, a tristeza, a esperança e o temor.⁶⁹

Nos seus comentários ao Livro das Sentenças de Pedro Lombardo, o Doutor Angélico⁷⁰ distingue as paixões em essencialmente diversas, que são as 11 acima enumeradas, e as acidentalmente diversas.

⁶⁸ São Tomás examina o assunto das paixões em várias passagens da *Suma Teológica*, como, por exemplo, na parte I, na q. 95, aa. 2-4, e na q. 97, a. 2; na parte I-II, nas qq. 22-48, na q. 53, a.1, na q. 60, aa. 2-5; e na parte II-II, na q. 53, a. 5, e na q. 123, a. 10.

⁶⁹ *Suma Teológica*, I-II, q. 25, a. 4.

⁷⁰ Tomás de Aquino, Santo. *Scriptum super Sententiis magistri Petri Lombardi*. Textum Parmae, 1858. Lib. 3, dist. 26, q. 1, a. 3, co. Disponível em: <<http://www.corpusthomicum.org/snp3026.html>>. Acesso em: 8 nov. 2014.

O Padre Marcos Manzanedo, O.P.,⁷¹ apresenta uma síntese didática desse segundo grupo, recordando que o Aquinate o subdivide segundo as diferenças que se podem reduzir à mesma paixão ou as diferenças decorrentes do seu objeto.

Dentre as paixões acidentalmente diversas cujas diferenças se podem reduzir à mesma paixão ele relaciona: a abominação (ódio intenso), a acédia (tristeza intensa que imobiliza o corpo), o ciúme, a exultação (intenso gozo), o furor, a hilaridade (gozo intenso manifestado no rosto), a jocosidade (gozo intenso manifestado em atos e palavras), a presunção (excesso de esperança), a taciturnidade (tristeza que impede a locução) e a temeridade.

E dentre aquelas cuja diferenciação se faz quanto ao objeto, ele elenca: a admiração (temor ante a imaginação de coisas grandes), a agonia (dúvida angustiosa ou trepidação face às incertezas do infortúnio), o estupor (medo diante de coisas

⁷¹ MANZANEDO, Marcos F. *Las pasiones según Santo Tomás*. Salamanca: San Esteban, 2004.

desacostumadas), a inveja, a lentidão ou desídia (temor da ação futura), a misericórdia (tristeza pelo mal alheio considerado como próprio), a nêmesis ou indignação (tristeza pela prosperidade dos maus), o rubor (temor pelos desprezos) e a vergonha (temor pelos atos torpes).

Qualquer que seja seu subtipo, as paixões ou emoções têm, portanto, a finalidade de levar o ser humano a agir, seja positiva, seja negativamente, em função daquilo que conheceu e apeteceu (ou rejeitou).

Sem elas, um indivíduo poderia conhecer que determinado objeto (como a casa do exemplo acima mencionado) é bom ou conveniente para si, e permanecer inerte ou sem suficiente motivação para obtê-lo. Em sentido inverso, quando lhe é nocivo, para rejeitá-lo ou combatê-lo.

Embora muitas vezes os apetites sensitivos e as paixões possam atuar em sentido oposto ao que dita a razão, o Doutor Comum⁷² mostra que eles não só são capazes de obedecer-lhe, como devem fazê-lo para

⁷² *Suma Teológica*, I, q. 81, a. 3.

terem um adequado e saudável funcionamento.

São Tomás⁷³ demonstra ainda que a paixão amor é a primeira a ser desencadeada pelo apetite concupiscível, enquanto que a esperança é a primeira dentre as do irascível. Bem como que, em seu funcionamento normal, elas ocorrem na seguinte ordem:

Primeiramente ocorrem o amor e o ódio; depois, o desejo e a fuga; terceiro, a esperança e o desespero; quarto, o temor e a audácia; quinto, a ira; sexto e último, a alegria e a tristeza, que se seguem a todas as paixões, como se diz no livro II da *Ética*. E de como o amor é anterior ao ódio; o desejo, à fuga; a esperança, ao desespero; o temor, à audácia; a alegria, à tristeza, pode-se deduzir do que foi dito.⁷⁴

Visto o dinamismo das paixões, convém retornar a uma questão que está em sua raiz. Dissemos que os apetites propiciam atos pré-rationais denominados paixões (ou emoções), que se

⁷³ *Suma Teológica*, I-II, q. 25, a. 2 e a. 3.

⁷⁴ *Suma Teológica*. I-II, q. 25, a. 3. Itálico do original.

manifestam, basicamente, sob a forma do desejo e/ou da rejeição de bens e/ou males. Se são pré-rationais, entretanto, como o indivíduo sabe se o objeto de seu desejo ou rejeição é bom ou mau para si?

A experiência nos mostra, contudo, que somos capazes desse tipo de conhecimento, muitas vezes chamado de intuitivo ou instintivo, que precede nosso conhecimento racional. Lastreado na tradição aristotélica, São Tomás⁷⁵ ensina que ele nos é dado, basicamente, pela potência cogitativa.

Este sentido interno, o mais elevado deles porque mais próximo da potência intelectual, dá-nos a noção de utilidade ou nocividade para a conservação do próprio ser. Na *Suma Teológica* São Tomás a ele se refere em algumas passagens, como quando afirma:

Deve-se considerar, ainda, que se um animal só se põe em movimento por objetos agradáveis ou repugnantes para os sentidos [externos], não haveria necessidade de afirmar no animal senão a apreensão das formas que o sentido percebe e com as quais sente prazer

⁷⁵ *Suma Teológica*, I, q. 78, a. 4; I, q. 81, a. 3.

ou repugnância. Mas é necessário que o animal procure umas coisas ou fuja de outras, não só porque convêm ou não ao sentido, mas também por outras conveniências e utilidades ou nocividades. Por exemplo: a ovelha que vê o lobo chegar foge, não porque sua cor ou sua forma não são belas, mas porque é seu inimigo natural. Igualmente o passarinho recolhe a palha, não pelo prazer sensível, mas porque é útil para construir o ninho. Portanto, é necessário que o animal perceba tais intenções que sentido externo não percebe. [...] Os animais as percebem apenas por um instinto natural; o homem também por uma espécie de comparação. Por isso, a potência que se denomina nos animais de *estimativa* natural é chamada no homem de *cogitativa*, porque descobre essas intenções por uma espécie de comparação.⁷⁶

O Doutor Angélico diferencia a estimativa da cogitativa, atribuindo a primeira aos irracionais e a segunda aos humanos, embora se trate, em essência, do mesmo sentido interno.

Tal distinção se deve à natureza meramente

⁷⁶ *Suma Teológica*, I, q. 78, a. 4, itálicos do original.

instintiva e irracional da estimativa, nos animais, e ao caráter de “uma espécie de comparação”,⁷⁷ ou ainda de “razão particular”,⁷⁸ que tem a cogitativa, a qual sempre se articula com a cognição intelectual, embora a preceda, nos seres humanos.

Donde, aliás, a denominação de cogitativa, relacionada com a comparação racional, e de estimativa, isto é, aquilo que permite estimar ou gostar de algo que lhe seja favorável.

Tanto num caso, como no outro, contudo, a potência estimativa/cogitativa tem como atos os instintos, como bem indica Brennan,⁷⁹ sintetizando o ensinamento do Aquinate.

Os instintos estão, portanto, intrinsecamente relacionados com as paixões, ou emoções, pois a partir do momento que a pessoa tem noção (ainda que pré-racionalmente) de que algo é favorável ao seu ser, logo passa a estimá-lo e desejá-lo. Ou, inversamente, a odiá-lo e rejeitá-lo, quando se dá conta de sua

⁷⁷ *Suma Teológica*, I, q. 78, a. 4.

⁷⁸ *Suma Teológica*, I, q. 81, a. 3.

⁷⁹ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 233, passim.

nocividade. É o que sustenta claramente São Tomás quando afirma que:

O apetite sensitivo nos animais move-se naturalmente pela potência estimativa. Por exemplo, a ovelha, julgando o lobo como seu inimigo, o teme. No lugar da estimativa, há no homem, como já se explicou, a cogitativa, que alguns denominam *razão particular*, porque compara entre si as representações individuais. Por isso, o apetite sensitivo do homem é, por natureza, movido por ela.⁸⁰

É de se destacar a última frase dessa citação: “o apetite sensitivo do homem é, por natureza, movido por ela”,⁸¹ isto é, pela cogitativa. Como o apetite sensitivo tem como atos as paixões, compete à cogitativa um papel chave no dinamismo das mesmas paixões. Dinamismo esse, sobretudo em nossos dias, que tem um peso notavelmente determinante na somatória de fatores que influencia o comportamento.

Essa movimentação dos instintos e das paixões tem, portanto, um importante papel no que hoje se

⁸⁰ *Suma Teológica*, I, q. 81, a. 3, itálicos do original.

⁸¹ *Ibidem*.

denomina psicologia da motivação, com toda uma série de consequências psicopedagógicas, como se pode deduzir.

Da adequada ou inadequada mobilização dos instintos e das emoções redundará, como resultado, uma otimização ou prejuízo motivacional, educacional, comportamental enfim, com toda a seqüela positiva ou negativa sobre o curso vital do indivíduo e dos grupos sociais nos quais se insere.

O tema daria ocasião para interessantes desenvolvimentos que deixamos para momento mais oportuno, para não nos desviarmos dos objetivos do presente estudo.⁸² Cabe-nos aqui apenas recordar suas funções e repercussões no comportamento humano, como pressuposto para o exame do papel de sua interação com o *pulchrum* na aprendizagem.

⁸² O leitor que deseje maior aprofundamento sobre o tema da cogitativa e sua relação com as demais potências da alma poderá encontrar valiosos subsídios em BRANDÃO, José Messias Lins. *A atualidade e importância da potência cogitativa, segundo a doutrina de São Tomás de Aquino*. 2012. 257f. Tese (Doutorado Canônico em Filosofia) – Universidade Pontifícia Bolivariana, Medellín, 2012.

CAPÍTULO 5 - INTERAÇÃO DAS POTÊNCIAS HUMANAS: ATENÇÃO E MOTIVAÇÃO

Reunindo e sistematizando a doutrina de São Tomás sobre a alma, Brennan⁸³ mostra como da interação das potências humanas procedem diversos processos cognitivo-comportamentais, como, por exemplo, a atenção, a motivação, a associação (de imagens e ideias), a ação racionalmente controlada, os hábitos, a personalidade e o caráter. Como consequência lógica, poderíamos ainda acrescentar o desenvolvimento, a aprendizagem e as diversas formas de interação social.

Dentre esses processos, destacam-se a atenção e a motivação, dada sua importância nas dinâmicas educacionais.

No que diz respeito à atenção, entretanto, como comenta Caliman⁸⁴ numa revisão bibliográfica que

⁸³ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 313, passim.

⁸⁴ CALIMAN, Luciana Vieira. Os valores da atenção e a atenção como valor. *Estudos e pesquisas em psicologia* [online]. Rio de

realizou sobre o assunto, pode-se considerar que não seja suficientemente estudada nos manuais e cursos de Psicologia atuais.

Sem embargo, sua importância para a aprendizagem é de apreensão elementar. Donde se depreende a importância de examinar o contributo de São Tomás ao seu estudo.

Brennan sintetiza a concepção tomista sobre a atenção definindo-a como “a direção de nossas potências cognoscitivas para um objeto determinado, com a intenção de conhecer suas qualidades e compreender sua essência”.⁸⁵

Com base nos princípios apresentados pelo Aquinate⁸⁶ na Suma contra os gentios, Brennan propõe ainda uma lei geral da atenção: “A potência

Janeiro, v. 8, n. 3, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812008000300006&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 jul. 2014.

⁸⁵ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 325, tradução nossa.

⁸⁶ Cf. TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Summa Contra Gentiles*, L. 1, c. 55. Textum Leoninum emendatum ex plagulis de prelo Taurini, 1961. Disponível em <<http://www.corpusthomisticum.org/scg1044.html>>. Acesso em 10 nov. 2014.

cognoscitiva só pode conhecer através da atenção”.⁸⁷

É a atenção, portanto, que nos proporcionará um maior ou menor grau de conhecimento de um objeto, compreensão esta que mobilizará tanto mais ou tanto menos a nossa vontade, à qual compete: “mover as outras potências em razão do fim, que é o objeto da vontade”.⁸⁸

A atenção mobilizará, ademais, a cogitativa, que, como já referido, é o sentido interno que nos mostra o que é útil e conatural ao nosso ser. E a cogitativa, por sua vez, porá em movimento os apetites sensitivos,⁸⁹ que desencadearão as paixões (ou emoções), com toda sua força motivacional sobre o comportamento.

É por essa razão que todas as propostas educacionais, bem como as técnicas de persuasão, de redação, de telecomunicação, de marketing e de propaganda, em seus diversos ramos, procuram primeiramente conquistar a atenção do seu aluno,

⁸⁷ BRENNAN. *Psicología general*, p. 325, tradução nossa.

⁸⁸ *Suma Teológica*. I-II, q. 9, a. 3.

⁸⁹ *Suma Teológica*, I, q. 81, a. 3.

leitor, telespectador, paciente ou consumidor.

Desse modo, buscam fazê-lo compreender melhor a mensagem que veiculam, apeterer sensitivamente o que lhes é proposto, desencadear paixões mobilizadoras, bem como desejar voluntariamente o objeto, conteúdo, produto, atitude, opinião ou conduta que tal mensagem propõe. A mobilização motivacional entra, portanto, de modo evidente nesse processo.

É claro que São Tomás não estudou a motivação nos termos em que ela é contemplada hoje em dia. Com base, contudo, nos princípios por ele delineados, Brennan propõe que motivo seja entendido como “todo objeto apresentado pelo intelecto como um valor, realizável mediante um ato volitivo”.⁹⁰

Vale ressaltar, portanto, que, embora podendo entrar em discordância com outros autores, para que um objeto qualquer possa ser considerado um motivo na concepção tomista, é necessário que haja uma

⁹⁰ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 314.

participação da vontade livre, mobilizada por uma atuação do intelecto.

Sempre com base em São Tomás, Brennan⁹¹ mostra ainda que o que motiva ou estimula o apetite sensitivo e as paixões é sempre uma percepção (ato do sentido comum) ou uma imagem (ato da imaginação e/ou da memória, condicionadas pela cogitativa). Trata-se, portanto, de operações das potências sensitivas, que dependem do composto hilemórfico humano para existirem em ato.

Já o apetite racional, ou vontade, por se tratar de uma faculdade imaterial, necessita de um estímulo também imaterial. Este será oferecido pela inteligência, através dos seus atos, ou seja, pela simples apreensão, pela formulação de juízo(s) e/ou de inferência(s).

Donde se pode concluir ser mais fácil mobilizar os apetites sensitivos (e as emoções que dele procedem) do que a vontade deliberada, já que aqueles necessitam apenas de um conhecimento

⁹¹ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 313, passim.

sensitivo pré-racional, enquanto esta requer o adequado funcionamento do intelecto. Fato, aliás, de observação corriqueira para quem se detém em examinar os métodos e técnicas de propaganda.

Como mais adiante veremos, o *pulchrum* pode ter um papel singular nessa mobilização da atenção e da motivação, pelo que se fazia necessário conhecer mais em detalhe suas respectivas características.

CAPÍTULO 6 - INTERAÇÃO DAS POTÊNCIAS: PESSOA, PERSONALIDADE E CARÁTER

Como já mencionado no capítulo anterior, dentre os processos cognitivo-comportamentais decorrentes da interação das potências da alma emergem também a personalidade e o caráter, talvez como os principais dentre eles, e, em certo sentido, como resultantes dos demais.⁹²

1) Contextualização epistemológica

Para investigar o tema da personalidade e do caráter em São Tomás de Aquino é preciso ter presente, entretanto, que ele desenvolveu sua Obra num contexto epistemológico muito diferente do atual. O enfoque ontológico de sua abordagem filosófica da alma humana levava-o a se interessar não somente pelos seus aspectos dinâmicos,

⁹² Que são: a atenção, a motivação, a associação (de imagens e ideias), a ação racionalmente controlada, os hábitos, o desenvolvimento, a aprendizagem e a interação social.

relacionais e comportamentais, mas também, e especialmente, pela substância do sujeito que se comporta e se relaciona.

Isto o levava, portanto, a ter em vista mais a pessoa, enquanto realidade ontológica que dá suporte ao dinamismo intra e interpessoal, do que estes mesmos dinamismos, embora sem negligenciá-los de nenhum modo.

Além disso, sua concepção hilemórfica da realidade,⁹³ e em particular da realidade humana, libertava-o da tendência das modernas teorias da personalidade de serem divididas em constitucionais (ou biológicas), psicológicas e, em certo sentido, sociais. Por essa razão, não se encontra diretamente em suas Obras uma teoria da personalidade tal como elas estão constituídas em nossos dias.

⁹³ Que o levava a entender os seres do mundo visível como intrinsecamente compostos de matéria e de forma, favorecendo, portanto, a formação de visões de conjunto dos seus objetos de estudo.

2) Teoria da personalidade de inspiração tomista

Acresce que, como recorda Echavarría, houve mesmo modificações semânticas e terminológicas relacionadas ao tema:

Apesar do fato de que os autores europeus dos princípios do século XX usassem frequentemente o termo caráter, na psicologia norte-americana, especialmente a partir de Gordon Allport, preferiu-se falar de “personalidade”. O predomínio teórico e prático da psicologia americana nos últimos cinquenta anos fez com que o termo caráter tenha caído em desuso nos livros de psicologia e fez com que hoje, especialmente nos meios acadêmicos, só se fale de personalidade, a pesar de uma importante tendência recente a reabilitar o uso do termo caráter.⁹⁴

Escrevendo na primeira metade do século XX, Brennan⁹⁵ sentiu, portanto, a necessidade de fazer uma adaptação do ensinamento do Aquinate sobre a matéria à epistemologia e à terminologia contem-

⁹⁴ ECHAVARRÍA, Martín F. Persona y personalidad. De la psicología contemporánea de la personalidad a la metafísica tomista de la persona. *Espíritu*, v. 59, n. 139, 2010. p. 210. Tradução nossa.

⁹⁵ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit.

porâneas, e por isso propôs o que se poderia chamar de uma teoria tomista da personalidade compatível com as referidas tendências.

Como a maioria das teorias hodiernas, ela está centrada no conceito do ‘eu’, mas distingue-se delas pela profundidade de visão que decorre do seu enfoque filosófico.

Com efeito, Brennan⁹⁶ observa que a Psicologia, na época em que ele escreveu, apresentava um enfoque notadamente personalista, no sentido de que desenvolve suas teorias em torno do conceito do ‘eu’ e da personalidade.

Em vista disso, ele começa por propor um conceito tomista de ‘eu’, entendendo-o como “a consciência individual do si mesmo como um princípio de ação”.⁹⁷ Aplicando-o à concepção atual de personalidade, mas sempre com base nos princípios tomistas, ele distingue três dimensões, significados ou componentes do ‘eu’, que chama de

⁹⁶ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 359.

‘eu’ psicológico, ‘eu’ moral e ‘eu’ ontológico.

3) ‘Eu’ psicológico ou personalidade

Ele considera o ‘eu’ psicológico como equivalente ao que hodiernamente se chama de personalidade. Entende-o como a integração de todas as potências, atos e hábitos do ser humano, organizados de modo a permitir diferenciar um indivíduo dos demais. Em sua concepção, a personalidade se refere mais especificamente aos atos e hábitos de natureza cognoscitiva, e por isso tem como eixo a inteligência.

4) ‘Eu’ moral ou caráter

Ao segundo significado chama de ‘eu’ moral ou caráter, que diz respeito aos aspectos ético-morais dos atos e dos hábitos do indivíduo. O caráter se refere mais aos atos e hábitos referentes aos apetites, tanto o natural, quanto os sensitivos e o racional (ou vontade), e por isso tem como eixo a vontade, que é o

apetite mais importante devido ao seu poder de determinação sobre os demais.

Embora Brennan reconheça o papel das influências do meio e da carga genética na formação do caráter, ele não subestima o papel do livre-arbítrio e da avaliação racional dos valores e motivos nos atos e hábitos do indivíduo.

Por essa razão, ele define caráter como “o princípio de nossos atos moralmente controlados”,⁹⁸ assinalando, desse modo, a existência de um princípio moral geral no núcleo do caráter.

Pois como os atos e os hábitos são decorrentes do uso normal das potências, e estas, lideradas pela inteligência e pela vontade, são capazes de escolher motivos moralmente bons ou maus, os atos e os hábitos possuem também valores morais.

⁹⁸ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 367. Embora estejamos estudando o conceito de caráter proposto por Brennan, a definição apresentada por Royo Marín pode ajudar a complementá-lo: “é a resultante habitual das múltiplas tendências que disputam a vida do homem”, acrescentando que: “é como a síntese de nossos hábitos [...] É a fisionomia ou ‘marca moral’ de um indivíduo” (ROYO MARÍN, Antonio. *Teología de la perfección Cristiana*. Madrid: BAC, 1954, p. 774, tradução nossa).

O que tem como consequência que a negação da responsabilidade moral na escolha dos atos e dos hábitos importa na negação da capacidade da inteligência de conhecer o que os seres são, bem como na negação da consequente escolha, pela vontade, do que é benéfico ou prejudicial à existência dos mesmos.

5) ‘Eu’ ontológico ou pessoa

Por fim, Brennan identifica um terceiro significado ou componente que chama de ‘eu’ ontológico ou pessoa, entendendo-o como aquilo que fornece sustentação e fundamento às potências, aos atos, aos hábitos, à personalidade e ao caráter.

Aqui ele atinge a maior profundidade da concepção que São Tomás apresenta da mente humana, a qual permite identificar a origem de todo o seu dinamismo psíquico.

Pois o Aquinate, ao adotar a definição boeciana de pessoa, a entende como uma “substância individual

de natureza racional”.⁹⁹ E essa substância, fruto da união da alma com o corpo, por ser capaz de pensar e de querer, está na origem a tudo que acontece no interior do ser humano:

O particular e o indivíduo realizam-se de maneira ainda mais especial e perfeita nas substâncias racionais que têm o domínio de seus atos e não são apenas movidas na ação como as outras, mas agem por si mesmas. Ora, as ações estão nos singulares. Por isso, entre as outras substâncias os indivíduos de natureza racional têm o nome especial de pessoa. E eis porque, na definição acima, diz-se a substância individual, para significar o singular no gênero substância. E acrescenta-se ‘de natureza racional’, para significar o singular nas substâncias racionais.¹⁰⁰

O Doutor Angélico considera, portanto, a pessoa como uma substância, que existe, portanto, em si mesma e não em outros seres. Substância essa que é individual, separada das outras, cuja natureza racional lhe permite entender o que são as coisas, expressá-las

⁹⁹ *Suma Teológica*, I, q. 29, a. 4.

¹⁰⁰ *Suma Teológica*, I, q. 29, a. 1.

sob a forma de ideias, comparar essas ideias para formular juízos, e comparar estes últimos para estruturar raciocínios.

Ele entende, portanto, o ser humano como um indivíduo cuja capacidade cognoscitiva lhe permite discernir a adequação da ideia que formula à realidade objetiva que conhece, o erro ou o acerto de suas cognições, ainda que mediante orientação externa.

Capacidade essa que também lhe possibilita avaliar as consequências morais dos atos voluntários decorrentes das ideias, juízos e inferências que formule. E por isso mesmo São Tomás vê a pessoa humana como portadora de direitos e de deveres que a colocam acima do nível das demais criaturas do mundo visível.

Dentre os vários comentaristas da concepção tomista de pessoa, Verneaux foi especialmente feliz ao sintetizá-la, afirmando que:

A pessoa humana sendo dotada de inteligência e de liberdade é um sujeito, no sentido moral da palavra. Isto significa que ela está sujeita a deveres e direitos, os quais [não] são

determinados pela situação concreta onde ela se encontra, mas são fundados sobre o fim último ao qual a pessoa está destinada.¹⁰¹

6) Aportes dessa teoria da personalidade

A distinção entre personalidade e caráter formulada por Brennan apresenta algumas vantagens ao estudo dessa temática.¹⁰²

¹⁰¹ VERNEAUX, Roger. *Filosofia do homem*. Tradução Cristiano Maia e Roque de Aniz. São Paulo: Duas Cidades, 1969, p. 229. Pareceu indispensável incluir a palavra [não] na citação, para dar sentido à afirmação do autor e colocar a frase no contexto do seu raciocínio. Sua ausência no original provavelmente se deverá a um erro gráfico, de tradução ou de datilografia.

¹⁰² Não pretendemos afirmar que Brennan seja o único a formular essa distinção entre personalidade e caráter, mas sim que sua abordagem permite os aportes que deduziremos a seguir. Vários outros autores levam em consideração tal diferença, mas deles já não podemos tirar, do mesmo modo, as mesmas consequências. Dentre os autores que fazem a mencionada distinção, veja-se, por exemplo, trabalhos como os de: ALLERS, Rudolf. *Naturaleza y educación del carácter*. Traducción H. Rodríguez Sanz. Madrid: Labor, 1957; ALONSO-FERNÁNDEZ, Francisco. *Fundamentos de la psiquiatria actual*. 4. ed. Madrid: Paz Montalvo, 1979. 2 v.; DORIS, John Michael. *Lack of character: personality and moral behavior*. New York: Cambridge University Press, 2002; EY, Henri; BERNARD, Paul; BRISSET, Charles. *Tratado de psiquiatria*. Traducción Carlos Ruiz Ogara, adaptación Aurelio López Zea. 8. ed. da 5. ed. francesa, rev. e atual. Barcelona: Toray-Masson, 1978; MARTÍNEZ, Ángel Izquierdo. *Temperamento, carácter, personalidad: una aproximación a su concepto e interacción*. *Revista Complutense de Educación*, v. 13, n. 2, p. 617-643, 2002; SAUCIER, Gerard; GOLDBERG, Lewis R.

Ela nos permite entender, por exemplo, porque pode haver uma dissociação entre a personalidade e o caráter, como pode ocorrer, por exemplo, com um criminoso que tenha personalidade sociável, apesar de possuir um mau caráter. Naturalmente, quanto maior for a integração da personalidade com o caráter, tanto maior será a tendência da pessoa ao equilíbrio mental e social.

Outro ponto positivo dessa teoria é o fato de atrair a atenção do estudioso, do educador e do profissional de saúde para o papel da vontade na formação, no desenvolvimento, nas características e nas falhas da personalidade individual. Característica que lhe confere particular importância, dado que estudos especificamente voltados para a vontade são pelo menos difíceis de encontrar.¹⁰³

Personnalité, caractère et tempérament: la structure translinguistique des traits. *Psychologie française*, v. 51, n. 3, p. 265-284, 2006; SVRAKIC, Dragan. Temperament, character, and personality disorders: etiologic, diagnostic, treatment issues. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, v. 106, n. 3, p. 189-195, 2002; VALLEJO-NÁGERA, Juan Antonio. In: Idem (Org.). *Guía práctica de psicología*. Madrid: Temas de Hoy, 1998.

¹⁰³ Cf. CAVALCANTI NETO. *Contribuições da Psicologia Tomista*

A teoria proposta pelo Pe. Brennan não somente enfoca o papel do apetite racional, como permite identificar sua função nesse componente do ‘eu’ que ele denomina caráter. As consequências práticas dessa identificação do papel da vontade e do caráter, bem como da distinção deste último em relação à personalidade, parecem evidentes.

Na psicopedagogia, levará o educador a dirigir sua atenção para a formação da vontade do seu educando, a qual repercutirá diretamente sobre a do seu caráter. Pois sem esta última, a mera educação intelectual poderá ser mal utilizada, e até dar ocasião a práticas ou atividades antissociais.

Na psicoterapia, permitirá ao terapeuta distinguir melhor as repercussões das lacunas dessa formação sobre a personalidade e a sintomatologia do seu paciente, bem como lhe permitirá estabelecer estratégias terapêuticas específicas (sobretudo

ao estudo da plasticidade do ethos. Op. cit., mais especificamente nos itens “4.3.9 Vontade” e “4.3.9.1 Concepção atual e controvérsia teórica”.

comportamentais) para essas lacunas e para os sintomas delas decorrentes.

Poderá mesmo ser de utilidade para o estudioso da Psicologia social que se dedique a investigar as repercussões da melhor ou pior formação do caráter nos grupos sociais em estudo, seja no seu dinamismo intrassocial, seja no intergrupar, abrindo espaço, dessa forma, para um interessante campo de pesquisa.

Outra consequência no campo social é que a concepção tomista de pessoa, personalidade e caráter está intrinsecamente ligada à capacidade humana de aprender e de ensinar, e por isso mesmo relacionada com os direitos e deveres sociais inerentes às mesmas.

Como se pode entrever, há aqui um amplo campo de investigação a ser desenvolvido, com consequências didáticas, metodológicas e até legais de muita repercussão. Consequências essas que nos limitamos a apontar, de momento, para não desviarmos o foco dos objetivos do presente estudo.

Apresentados os pressupostos da Psicologia Tomista, podemos agora passar ao exame dos tópicos

referentes ao nosso objetivo principal, que é investigar o papel da beleza no processo educativo, em especial nas suas interações com as potências da alma e com os processos cognitivo-comportamentais delas decorrentes.

CAPÍTULO 7 - INTERAÇÃO ENTRE OS TRANSCENDENTAIS DO SER E AS POTÊNCIAS DA ALMA

As potências humanas, assim como suas operações e interações, são passíveis de uma maior ou menor influência dos fatores que condicionam os processos educacionais, notadamente daqueles que a Filosofia Escolástica chama de transcendentais do ser.

1) Os transcendentais do ser

São Tomás serve-se do conceito aristotélico de inteligíveis primeiros para ser referir àquilo que a inteligência capta primeiramente, isto é, o ente, os transcendentais do ser e os primeiros princípios:

[...] deve-se dizer que a alma julga todas as coisas não segundo uma verdade qualquer, mas segundo a verdade primeira, enquanto nela se reflete como em um espelho, segundo os inteligíveis primeiros.¹⁰⁴

¹⁰⁴ *Suma Teológica*, I, q. 16, a. 6, ad. 1.

Aristóteles de Estagira¹⁰⁵ considera como ente tudo aquilo que é ou que tem ser, e como transcendentais do ser, as ideias que o intelecto associa naturalmente à de ente, pelo fato de serem suas propriedades fundamentais. Ainda que não se distingam realmente do ente, distinguem-se conceitualmente dele.

Pode-se considerar que São Tomás leva em conta a existência de seis transcendentais do ser: coisa, uno, algo, verdadeiro, bem e belo.¹⁰⁶ Como veremos logo adiante, entretanto, existe uma questão entre os comentaristas do Doutor Comum sobre se ele consideraria o belo (*pulchrum*) como transcendental do ser, ou não.

Antes de examiná-la, porém, convém recordar que, ainda que baseada nas doutrinas aristotélicas, as concepções do Aquinate sobre os transcendentais do ser representam um aperfeiçoamento em relação às do

¹⁰⁵ ARISTÓTELES. *Metafísica*, XII, lec. 1.

¹⁰⁶ Costuma-se mencionar os transcendentais do ser também em Latim, respectivamente como: *res*, *unum*, *aliquid*, *verum*, *bonum*, *pulchrum*.

Estagirita, como sustentam Clá Dias¹⁰⁷ e Oliveira Souza,¹⁰⁸ por exemplo. Pois elas resultam das contribuições de filósofos escolásticos sobre o tema, em especial das do seu mestre, Santo Alberto Magno, bem como de explicitações do próprio São Tomás.

O Doutor Angélico expõe sua doutrina sobre os transcendentais do ser em várias de suas obras, como, por exemplo, no *De potentiis animae*, q. 7, a. 2, ad 9; q. 9, a. 7, ad 6, no *Commentaria In IV Metaph.* lec. 3, n. 566, no *Expositio Libri Peryermenias*, lect. 3, n. 8, ou em diversas passagens da *Summa Theologiae*.

Mas é no primeiro artigo da primeira questão das *Quaestiones disputatae de Veritate* que podemos encontrar a apresentação mais completa do seu ensinamento sobre a matéria, como ressalta Oliveira Souza.¹⁰⁹ No mesmo *De Veritate*, que compôs ainda em seus três primeiros anos do magistério na

¹⁰⁷ CLÁ DIAS, João Scognamiglio. O primeiro olhar da inteligência. *Lumen Veritatis*, São Paulo, n. 12, p. 9-31, jul.-set. 2010.

¹⁰⁸ OLIVEIRA SOUZA, Dartagnan Alves de. *O pulchrum e a quarta via de Tomás de Aquino*. 2011. 285f. Tese (Doutorado em Filosofia). Roma: Pontificia Studiorum Universitas Salesiana, 2011.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

Universidade de Paris, ele se reporta ao tema também na q. 21, aa. 1-3.

Podemos encontrar uma síntese didática da doutrina de São Tomás sobre os transcendentais do ser em Gardeil,¹¹⁰ por exemplo, que explana justamente o ensinamento contido no *De Veritate*. Mostra-nos ele que, segundo o Aquinate, o ser só pode ser distinguido de outro através de modos intrínsecos, contidos no ser mesmo, e não por meio de diferenças que lhe sejam acrescidas do exterior.

Tal diferenciação pode se dar de duas maneiras. Na primeira, os modos expressos correspondem aos modos particulares do ser, e neste caso se obtém as categorias do ser, enunciadas por Aristóteles. Na segunda, os modos considerados convirão de maneira necessária e universal a todo ser.

¹¹⁰ GARDEIL, Henri Dominique. *Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino*. Tradução Wanda Figueiredo. São Paulo: Duas Cidades, 1967. 2 v. Para mais elementos sobre o tema ver, por exemplo, AERTSEN, Jan A. *La filosofía medieval y los transcendentales*. Un estudio sobre Tomás de Aquino. Tradução Mónica Aguerri e María Idoya Zorroza. Revisão Juan Cruz Cruz. Pamplona: EUNSA; LOBATO, Abelardo. Fundamento y desarrollo de los transcendentales en Santo Tomás de Aquino. *Aquinas*, n. 34, p. 203-221, 1991.

Esses modos que fazem, de maneira geral, sequência a todo ser constituem o que se chama, na linguagem tomista, de propriedades transcendentais do ser.

Convém ter presente que o termo ‘propriedade’ deve ser entendido em sentido lato, pois, no caso do ser, é impossível que se trate de uma entidade estranha à essência de uma determinada realidade, devendo ser entendida, portanto, como designando esta essência sob um aspecto particular.

E o termo ‘transcendental’ deve ser entendido no mesmo sentido em que se aplica ao conceito de ser, ou seja, ele é o que se encontra em todos os gêneros do ser. Por isso se pode afirmar que esses modos de ser são convertíveis com o ser: o ser é uno, e o uno é ser; ou o verdadeiro é ser, e o ser é verdadeiro, e assim por diante.

As diversas concepções que a mente humana pode formar se fazem, portanto, através de adições à noção fundamental de ser: ou porque se constituem modos particulares do ser, e neste caso temos as categorias, ou porque a ele se reportam a título de

propriedades absolutamente gerais, e neste caso temos os transcendentais do ser.

Em sua explicação da doutrina de São Tomás, Gardeil¹¹¹ acrescenta que os transcendentais do ser podem ser identificados da seguinte maneira. Quando modificamos uma noção de ser, esta modificação pode se dar de dois modos: ou afetando o ser em si mesmo, ou na sua relação com os outros.

No primeiro caso, tal modificação se dará na medida em que se exprima algo afirmativamente ou negativamente. Quando se afirma algo do ser, atribuímos-lhe a sua essência, à qual corresponde o termo ‘coisa’, isto é, o transcendental *res*. Quando se nega, em última análise estamos significando que ele não é divisível, ou seja, é uno, donde o *unum*.

Considerando o ser nas suas relações com os demais, podemos nos colocar no ponto de vista de sua distinção em relação a eles, e o ser nos aparece como algo de outro, isto é, como o transcendental *aliquid*.

Colocando-nos no ângulo de visão da procura

¹¹¹ GARDEIL. Op. cit.

do que pode convir universalmente a todo ser, o reportaremos à alma humana, pois esta é a única, no universo visível, que possui esta amplitude, pelo fato de estar dotada da capacidade de entender e de apetecer racionalmente.

Com relação à sua capacidade intelectual, a conveniência do ser será expressa pelo termo ‘verdadeiro’, donde o transcendental *verum*. Com relação à sua capacidade apetitiva, sê-lo-á pela palavra ‘bem’, ou seja, o *bonum*. E temos, assim, constituída a coleção dos transcendentais do ser.

Vale observar que, do ponto de vista histórico, como ressalta Oliveira Souza,¹¹² é no *De Veritate* que se encontra pela primeira vez os cinco transcendentais reunidos em torno do conceito de ente. Os autores precedentes costumavam apresentar apenas três transcendentais (o *unum*, o *verum* e o *bonum*). Alguns autores falavam dos transcendentais *res* e *aliquid*, mas nenhum havia ainda apresentado todos eles reunidos, como o fez o Doutor Comum.

¹¹² OLIVEIRA SOUZA. Op. cit.

Pode causar certa estranheza, entretanto, o fato de São Tomás não apresentar o *pulchrum* explicitamente como um transcendental nas mencionadas obras, embora ele se refira ao mesmo num grande número de vezes em sua *Opera Omnia*.¹¹³

Por essa razão, existe uma polêmica entre os intérpretes tomistas sobre se o Aquinate consideraria o *pulchrum* como transcendental do ser ou não. Tratando-se de uma questão paralela aos objetivos deste estudo, entretanto, parece desnecessário examiná-la aqui, afigurando-se mais prático remeter o leitor interessado ao já referido estudo de Oliveira Souza,¹¹⁴ que a aborda com a devida profundidade.

Convém apresentar, ao menos, a interessante

¹¹³ Para que se possa avaliar a atenção que São Tomás dedicou ao tema, incluímos no Anexo I deste livro uma compilação das principais referências à beleza nas obras do Doutor Angélico, apresentada na mencionada tese de Oliveira Souza e organizada por Grisez (GRISEZ, Germain. *References to Beauty in St. Thomas. The Modern Schoolman*, n. 29, 1951/4, p. 43-44, apud OLIVEIRA SOUZA. Op. cit., p. 84-85).

¹¹⁴ Para facilitar a pesquisa do estudioso na matéria, contudo, apresentamos no Anexo II uma bibliografia sobre o tema da transcendentalidade do *pulchrum* em São Tomás, reunida por Oliveira Souza em sua já mencionada tese doutoral.

solução proposta pelo citado autor para a questão, alinhando-se com os que incluem o *pulchrum* entre os transcendentais do ser, após analisar os argumentos dos vários autores envolvidos na mencionada questão:

Assim sendo, por meio desta investigação, que não tem a pretensão de dizer a última palavra sobre o tema, conclui-se que o *pulchrum* é um transcendental diverso dos outros, pois exprime simultaneamente a capacidade do *ens* de manifestar-se e ser captado de forma agradável [...] é a epifania do ente. Desta maneira, a beleza não se reduz apenas à bondade nem somente à verdade, mas manifesta o ente, que ao ser apreendido agrada, ou seja, interrelaciona as duas potências da alma, expressando algo que só o *bonum* ou *verum* não exprimem. Relacionada com a verdade e a bondade, pode ser dita *splendor veri* e *splendor boni*, pois é um transcendental que surge, à maneira do jato de uma fonte, da manifestação desses dois transcendentais. Logo, o valor transcendental da beleza resulta de sua relação com o *verum* e com o *bonum*. [...] Poder-se-ia dizer que essas propriedades transcendentais

do ser constituem uma espécie de arco gótico. Um vértice é o *verum*, o outro é o *bonum*, e tal união dá origem ao *pulchrum*, considerado como *splendor veri* e *splendor boni*. Por isso, Garrigou-Lagrange [Cf. R.M. GARRIGOU-LAGRANGE, *Perfections Divines*, Paris: Beauchesne, 1936, p. 299] afirma que o belo na ordem das coisas criadas é o esplendor de todos os transcendentais reunidos.¹¹⁵

Em reforço dessa opinião, podemos citar a de Clá Dias, que comenta:

Vem a propósito uma passagem da Suma Teológica, na qual o Doutor Angélico fez seus os comentários do Pseudo-Dionísio a respeito da contemplação. Segundo eles, quando a alma alcança o estado contemplativo, deixando para trás a diversidade das coisas exteriores e o discurso da razão, “se encaminha ao conhecimento da beleza e da

¹¹⁵ OLIVEIRA SOUZA. Op. cit., p. 109-110. (Itálicos do original. Entre colchetes, a referência apresentada em nota de rodapé). O fato de estar transcrita aqui apenas a citação de Garrigou-Lagrange não significa que o autor se baseie somente nela. Antes pelo contrário, ele aduz opiniões de grande número de outros autores, antes e depois do trecho citado, as quais sopesa para chegar à sua conclusão. A citação de Garrigou-Lagrange foi mantida na transcrição da proposta de solução de Oliveira Souza devido à sua riqueza sintética e didática, bem como porque lhe serve de fecho e corroboração.

bondade” (*Suma Teol.*, II-II, q. 180, a. 6 ad 2: *Deinde, sicut uniformis facta, unite, idest conformiter, unitis virtutibus, ad pulchrum et bonum manuducitur*). Aqui se vê a alta consideração que São Tomás tinha pelo belo, colocando-o no mesmo nível do bem. Nada impede de pensar que, se não fosse por sua morte prematura, ele haveria precisado melhor sua opinião, talvez incluindo o *pulchrum* entre os transcendentais.¹¹⁶

É oportuno observar que, essa característica ação unificadora e facilitadora da manifestação dos demais transcendentais apresentada pelo *pulchrum*, mencionada nas duas citações anteriores, é digna de especial atenção.

Tal ação tem repercussões sobre as potências da alma, suas operações e interações, e, consequentemente, sobre os processos educativos que interagem com as mesmas, como veremos mais adiante.

¹¹⁶ CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *La ‘primera mirada’ del conocimiento y la educación: un estudio de casos*. 2009. 246f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidad Católica de Colômbia, Bogotá, 2009. p. 110-111. Tradução nossa, itálicos do original.

Quanto aos primeiros princípios, mencionados no começo deste tópico, como fugiria dos propósitos do presente texto analisá-los mais detidamente, limitamo-nos a recordar que, segundo São Tomás, trata-se dos princípios que estão, por assim dizer, inscritos na natureza humana e, por essa razão, são tidos como evidentes, dispensando demonstração. Dentre estes princípios está o de que uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo, bem como os que decorrem desta evidência.

O Aquinate trata deles em várias partes de suas Obras, como, por exemplo, na *Summa Theologiae*, I-II, q. 94, a. 2; no *De Veritate*, q. 14, a. 2, c.; na *Summa Contra Gentiles*, L. 4, c. 11; no *De Magistro*, a. 1; ou no *Commentarii in quatuor Libros Sententiarum Petri Lombardi*, L. II, d. 39, q. 2, a. 2, ad. 4, entre outras.¹¹⁷

¹¹⁷ Para um aprofundamento sobre os primeiros princípios, vistos sob o enfoque tomista, ver, por exemplo, CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *La 'primera mirada' del conocimiento y la educación: un estudio de casos*. Op. cit.; e idem. *O primeiro olhar da inteligência*. Op. cit.; GARDEIL. Op. cit.; GARRIGOU-LAGRANGE, Réginald. *El sentido común, la filosofía del ser y las fórmulas dogmáticas*. Tradução

2) Interações dos transcendentais do ser com a potência intelectual e a volitiva

A noção de transcendentais do ser adotada por São Tomás ajuda-nos a compreender as relações existentes entre o processo cognoscitivo-apetitivo humano e o ser, do ponto de vista da dinâmica das potências da alma. É o que se pode constatar examinando passagens como a que segue:

O belo e o bem, no sujeito, são idênticos, pois estão fundados sobre o mesmo, a saber, sobre a forma. Por isso, o bem é louvado como belo. Mas diferem pela razão. O bem propriamente se refere ao apetite, pois o bem é aquilo para o qual tudo tende, e assim tem a razão de fim; pois o apetite é uma espécie de movimento rumo à coisa. Quanto ao belo, ele se refere à faculdade do conhecimento, pois diz-se belo aquilo que agrada ao olhar. Eis por que o belo consiste numa justa proporção, pois os sentidos se deleitam em coisas bem

Octavio Nicolas Derisi. Buenos Aires: Desclée de Brouwer, 1944; MONDIN, Battista. *La metafísica de S. Tommaso d'Aquino e i suoi interpreti*. Bologna: Studio Domenicano, 2002.

proporcionadas, como nas semelhantes a si, uma vez que o sentido, como toda faculdade cognitiva, é uma certa razão. E como o conhecimento se realiza por assimilação, e a semelhança se refere à forma, o belo, propriamente, pertence à razão de causa formal.¹¹⁸

Comentando essa passagem, Brennan¹¹⁹ observa que, considerada do ponto de vista do sujeito, a inteligência é estimulada pelo verdadeiro (*verum*) do objeto, ou seja, pela verdade inerente ao fato da coisa ser o que é. E a vontade, por sua vez, é estimulada pelo bem ou bondade (*bonum*) do objeto, isto é, aquilo pelo que o seu ser é bom em si mesmo e para o sujeito que o conhece.

É por essa razão que, ainda do ponto de vista do sujeito, o bem põe em movimento tanto o apetite sensitivo quanto o racional, isto é, a vontade propriamente dita. O que explica que o bem seja o transcendental do ser que mais lhes diz respeito.

Examinando a questão do ponto de vista do

¹¹⁸ *Suma Teológica*, I, q. 5, a. 4.

¹¹⁹ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit.

objeto, pode-se constatar, como ressalta Brennan,¹²⁰ que tanto o apetite sensitivo quanto o racional são influenciados pelo conhecimento.

A diferença é que o apetite sensitivo está condicionado pelo conhecimento do singular e do concreto, enquanto que o apetite racional está condicionado pelo conhecimento do abstrato e do universal, dado que o intelecto pode apreender a quiddidade das coisas e assim desejar bens universais.

Para dar um exemplo, esta é a razão pela qual um indivíduo diabético pode sentir apetite por um doce que tem diante de si. Mas, por desejar racionalmente a saúde enquanto conceito abstrato, ele é capaz de fazer o ato voluntário de renunciar ao alimento que lhe é nocivo, para seguir as orientações médicas que tenha recebido.

A beleza (*pulchrum*), por sua vez, embora possa reforçar os apetites, como efetivamente reforça, está mais relacionada com o conhecimento, e,

¹²⁰ BRENNAN. *Psicología tomista*. Op. cit.

portanto, com a inteligência, assim como o *verum*.

E aqui se encaixa o papel especial que ela desempenha nesse processo. Como a beleza é aquilo cuja apreensão agrada,¹²¹ e tem como propriedades a integridade, a harmonia e a claridade (ou esplendor),¹²² ela acrescenta ao bem um maior poder de atração sobre as potências cognoscitivas (inteligência e sentidos), bem como sobre as apetitivas (vontade e apetite sensitivo). É o que se pode depreender de trechos como o que segue:

Quanto ao 3º, deve-se dizer que o belo é idêntico ao bem mas possui uma diferença de razão. De fato, sendo o bem *o que todos desejam*, é de sua razão acalmar o apetite. Ao passo que é da razão do belo acalmar o apetite com sua vista ou conhecimento. Por isso referem-se principalmente ao belo os sentidos mais cognoscitivos, a saber, a vista e o ouvido, que servem à razão. Assim, dizemos, belas vistas e belos sons. Ao contrário, com respeito aos sensíveis dos outros sentidos não

¹²¹ *Suma Teológica*, I, q. 5, a. 4, e I-II, q. 27, a. 1, ad. 3.

¹²² *Suma Teológica*, I, q. 39, a. 8.

usamos a palavra beleza, pois não dizemos belos sabores, nem belos odores. Fica claro, pois, que o belo acrescenta ao bem uma certa ordem à potência cognoscitiva, de modo que o bem se chama o que agrada de modo absoluto ao apetite, e belo aquilo cuja apreensão agrada.¹²³

Há ainda outro aspecto pelo qual o *pulchrum* concerne de modo particular a inteligência. Comentando a doutrina estética do Doutor Angélico, Zambruno¹²⁴ recorda que:

As coisas estão adequadas a um fim e a adequação a esse fim está intimamente ligada à bondade e à beleza das coisas mesmas, já que as coisas são boas graças à ordem imposta por Deus, que é o último fim.

Ora, como a beleza põe de manifesto o *bonum* do ente, além do seu *verum*,¹²⁵ sua presença facilita,

¹²³ *Suma Teológica*. I-II, q. 27, a. 1, ad. 3. Itálicos do original.

¹²⁴ ZAMBRUNO, Pablo Santiago. *Via pulchritudinis*: ensayo de estética tomista. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2012, p. 74, tradução nossa.

¹²⁵ Sobre este tema, ver: ELDERS, Leo. *La metafísica dell'essere di San Tommaso d'Aquino in una prospettiva storica I. L'essere comune*, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1995); e também LOBATO, Abelardo. *Ser y belleza*. Madrid: Unión Editorial, 2005.

ora mais, ora menos diretamente, a compreensão do fim ou da finalidade do objeto considerado, bem como sua maior ou menor adequação a essa finalidade.

Tal compreensão é fundamental para que a inteligência se fixe sobre o objeto do seu conhecimento, otimizando, portanto, a atenção, como logo adiante veremos, pois ninguém se interessa em conhecer e/ou estudar algo cuja finalidade não seja capaz de entender.

Podemos acrescentar ainda a feliz e sintética observação que Bruyne faz aos comentários de São Tomás ao *De divinis Nominibus* sobre a reversibilidade entre o bem e a beleza, bem como sobre o papel do *pulchrum* na mobilização do amor e na motivação humana:

Tudo o que é e o que se faz deriva da beleza, reflete a beleza, existe e se faz em vista da beleza [*In div. Nom.*, 4, l. 8, p. 380]. Nada se faz senão sob o impulso de um desejo. Ora, nenhum desejo se inflama se não é por amor. E não há amor mais

que do Bem e da Beleza, “et hoc est quod *omnia* ex desiderio pulchri et boni faciunt et volunt quaecumque faciunt et volunt” [Ibid., l. 9, p. 387]. Nada é, pois, amável ou desejável mais que o bem e a beleza. Trate-se da natureza inconsciente ou da arte reflexiva que a imita, toda atividade busca alcançar a Beleza seja no saber, seja no obrar, seja no fazer.¹²⁶

Do conjunto das precedentes considerações se pode concluir que, do ponto de vista dos transcendentais do ser, o *verum* mobilizará mais especificamente a inteligência, o *bonum*, a vontade, mas o *pulchrum* estimulará a ambas. Pois estimulando de modo especial o intelecto, ajuda-o a mover mais eficazmente a vontade.¹²⁷

O *pulchrum* possui, portanto, um maior poder de mobilização das potências da alma do que os demais transcendentais isoladamente considerados, uma vez que permite articular mais facilmente a

¹²⁶ BRUYNE, Edgar de. *Estudios de estética medieval*. El siglo XIII. Tradução Armando Suárez. Madrid: Gredos, 1959. v. 3, p. 353. Tradução do Espanhol nossa, itálicos do original. Entre colchetes, as referências que Bruyne faz em nota de rodapé.

¹²⁷ *Suma Teológica*, I-II, q. 9, a. 1.

inteligência com a vontade, pondo ambas em movimento. E dissemos “das potências da alma” porque, dado o papel diretivo da inteligência e da vontade sobre as demais, a mobilização das duas repercutirá diretamente sobre as outras.

Vem a propósito observar que o papel dessa reversibilidade dos transcendentais do ser na estimulação das potências da alma humana, bem como em sua conseqüente utilidade para a aprendizagem, não deixa de ser constatado até por autores contemporâneos cuja orientação teórica está longe de ser tomista.

É o caso, por exemplo, de Howard Gardner, psicólogo norte-americano internacionalmente conhecido por suas teorias sobre as inteligências múltiplas, o qual, num contexto muito distante do escolástico, afirma que:

Com o passar do tempo, portanto, as instituições educacionais tiveram como tarefa primordial a transmissão aos jovens do ponto de vista corrente da cultura sobre o que

é verdadeiro (e não verdadeiro); o que é belo (e o que carece de beleza); o que é bom (e o que é maligno). [...] Eu vejo a situação desta maneira. Outrora, era relativamente fácil e sem problemas inculcar a verdade, a beleza e a bondade através de instituições acadêmicas formais. Tal consenso sofreu grande desgaste em todo o mundo [...] a missão da educação deve *continuar* a ser uma confrontação com a verdade (falsidade), beleza (fealdade) e bondade (maldade), sem negar as facetas problemáticas dessas categorias.¹²⁸

3) Interações com os apetites sensitivos e com a cogitativa

Como pudemos entrever no tópico anterior, a ação mobilizadora do *pulchrum* não se limita à potência intelectual e à volitiva.

Tal ação se exerce não somente de modo indireto, através destas últimas, mas também

¹²⁸ GARDNER, Howard. *O verdadeiro, o belo e o bom*: os princípios básicos para uma nova educação. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. p. 37, itálico do original.

diretamente sobre os sentidos e os apetites sensitivos, como qualquer pessoa pode observar em si mesma.

À primeira vista pareceria haver uma contradição teórica, dado que o objeto dos apetites sensitivos é primordialmente o *bonum*, como vimos acima. Analisando a questão mais detidamente, entretanto, podemos constatar que a reversibilidade existente entre os transcendentais do ser se manifesta aqui de modo especial, a ponto de o Doutor Angélico poder afirmar que “o belo é idêntico ao bem”.¹²⁹

E ele o explica, com sua clareza habitual, no trecho que já examinamos no tópico anterior, onde analisa a causa do amor:

Quanto ao 3º, deve-se dizer que o belo é idêntico ao bem mas possui uma diferença de razão. De fato, sendo o bem *o que todos desejam*, é de sua razão acalmar o apetite. Ao passo que é da razão do belo acalmar o apetite com sua vista ou conhecimento. Por isso referem-se principalmente ao belo os sentidos mais cognoscitivos, a saber, a vista e

¹²⁹ *Suma Teológica*, I-II, q. 27, a. 1, ad. 3.

o ouvido, que servem à razão. [...] Fica claro, pois, que o belo acrescenta ao bem uma certa ordem à potência cognoscitiva, de modo que o bem se chama o que agrada de modo absoluto ao apetite, e belo aquilo cuja apreensão agrada.¹³⁰

“O belo acrescenta ao bem uma certa ordem à potência cognoscitiva”.¹³¹ Eis porque o *pulchrum* facilita a ação tanto das potências cognoscitivas, cujo principal objeto é o *verum*, quanto das apetitivas, apesar destas se voltarem primordialmente para o *bonum*. O que tem uma especial repercussão quando se trata do emprego do belo na educação, como veremos mais adiante.

Os apetites sensitivos, contudo, tanto podem estar em sinergia com o apetite racional, como em contradição com ele, como recorda o Doutor Angélico:

Ora, é evidente que segundo a paixão do apetite sensitivo, o

¹³⁰ *Suma Teológica*, I-II, q. 27, a. 1, ad. 3, itálicos do original, sublinhados nossos. Repetimos quase inteiramente a citação aqui para poupar ao leitor o trabalho de procurá-la nas páginas anteriores.

¹³¹ *Suma Teológica*, I-II, q. 27, a. 1, ad. 3.

homem se muda para uma disposição particular. Por isso, o homem que está sob uma paixão, verá como conveniente a si o que não veria sem a paixão: por exemplo, o que parece bom a um homem enraivecido, não parecerá ao tranqüilo. E é dessa maneira que da parte do objeto o apetite sensitivo move a vontade.¹³²

A coerência com os pressupostos tomistas nos permite deduzir, entretanto, que o que principalmente poderá fazer com que o apetite sensitivo esteja em sinergia com o racional é a ação da inteligência,¹³³ a qual, ao apresentar ao apetite racional o bem completo, o induzirá a dirigir o apetite sensitivo na linha dessa completude.

Como exemplo, podemos imaginar uma pessoa

¹³² *Suma Teológica*, I-II, q. 9, a. 2.

¹³³ Vale recordar que esta observação diz respeito ao plano filosófico e natural da questão. Pois se subirmos ao teológico e sobrenatural, é necessário levar em consideração também a ação da graça divina, sem a qual essa sinergia dos apetites é habitualmente muito difícil de obter. Sobre este ponto veja-se CLÁ DIAS, João Scognamiglio. Os princípios da ação moral, caminho seguro para chegar à santidade. *Lumen Veritatis*, São Paulo, n. 13, p. 9-30, out.-dez. 2010; ROYO MARÍN. Op. cit.; ou ainda TANQUEREY, Adolphe. *Compêndio de teologia ascética e mística*. Tradução da 5. ed. francesa por J. Ferreira Fontes. 2 ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1932.

cujo apetite sensitivo seja atraído por uma bela obra de arte, induzindo-a a roubá-la. Mas cuja inteligência, ao mostrar-lhe, de um lado, que o roubo prejudicaria a plenitude do bem que deseja para si por levá-la à prisão, e, por outro, a beleza inerente à honestidade, move seu apetite racional a conter o sensitivo e a rejeitar o crime.

Embora essa ação sinérgica entre os apetites seja primordialmente promovida pela inteligência, ela será poderosamente ajudada pela ação da beleza, dada sua ação facilitadora da interação entre as potências cognoscitivas e as apetitivas, como examinamos pouco acima.

Por outro lado, uma vez que os apetites sensitivos são movidos pela cogitativa,¹³⁴ e que esta última é a potência cujos atos são os instintos,¹³⁵ também estes serão influenciados pela ação do *pulchrum*. Seja por via indireta, como ocorre quando o estímulo procede do apetite sensitivo, seja por via

¹³⁴ *Suma Teológica*, I, q. 81, a. 3.

¹³⁵ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 233, passim.

direta, como logo adiante veremos.

Tal influência será tanto mais antagônica ou sinérgica com as diretivas da razão, quanto mais os apetites sensitivos estejam, por sua vez, em consonância ou dissonância com o apetite racional.

Razão pela qual muitas vezes não basta uma mera ação impositiva da inteligência, sendo necessário um longo e ascético trabalho de aquisição de hábitos que conformem os apetites entre si e com o intelecto.¹³⁶ Aquisição esta que será especialmente facilitada pela adequada inclusão da beleza na mobilização tanto do intelecto, quanto dos apetites.

Examinemos agora as interações da beleza com a cogitativa. Como é também de observação corrente, pelo fato de estimular diretamente os sentidos externos e internos, dentre os quais o mais elevado é a cogitativa, o *pulchrum* também poderá mobilizar esta última mais imediatamente, desencadeando a atividade instintiva e apetitivo-sensitiva que dela decorre.

¹³⁶ Vide comentário na nota de nº 133.

O que evidencia, mais uma vez, a necessidade de que a cogitativa e os apetites sensitivos, para funcionarem adequadamente, estejam em consonância e a serviço do que a reta razão mostra como bom e devidamente desejável.

Esta influência do *pulchrum* sobre a cogitativa, embora aqui considerada, para efeitos didáticos, em penúltimo lugar, pode ter, entretanto, e frequentemente o tem, um papel cronológico primordial na mobilização das potências.

Pois como o belo é “aquilo cuja apreensão agrada”,¹³⁷ essa complacência no bom e no verdadeiro que transparece na beleza do objeto considerado, com frequência será o que primeiro atrairá a atenção do indivíduo, bem como todo conseqüente o dinamismo de suas potências.

Donde decorre a necessidade de uma especial atenção aos modos como ocorrerá a mobilização da cogitativa, bem como à sua devida formação, para que o adequado uso do belo na educação possa surtir

¹³⁷ *Suma Teológica*, I-II, q. 27, a. 1, ad. 3.

todos os seus efeitos. Devemos retornar à questão mais adiante.

4) Interações com os demais sentidos internos e externos

O critério ontológico que adotamos para examinar as interações do *pulchrum* com as potências da alma leva-nos a considerar suas interações com os demais sentidos internos e externos por último.

Caso o critério fosse cronológico, entretanto, a ordem dos tópicos deste capítulo estaria invertida e consideraríamos em primeiro lugar suas interações com os referidos sentidos.

Pois, como vimos acima e é de observação corrente, no processo cognoscitivo normal são os sentidos externos e logo os internos (sentido comum, imaginação e memória), prévios à cogitativa, que tomam primeiramente contato com os seres, e, portanto, com os seus transcendentais.

Entretanto, como as repercussões das mencionadas interações são muito mais significativas

quando dizem respeito à inteligência e à vontade, e logo em seguida, aos apetites sensitivos e à cogitativa, era necessário examiná-las em primeiro lugar.

Tanto mais que as interações existentes entre os sentidos externos (mais especificamente a visão e a audição) e a beleza servirão, em geral, apenas de porta de acesso para as interações desta com as potências superiores.

Claro está que os sentidos externos serão tanto mais fácil e agradavelmente atraídos quanto mais os objetos sobre os quais incidam sejam belos, e, por conseguinte, este transcendental joga um papel decisivo logo no início do processo cognoscitivo.

Vale lembrar, porém, que a interação dos sentidos externos com o *pulchrum* está praticamente restrita à visão e à audição, pois os demais sentidos não são direta ou exclusivamente influenciáveis por ele. É o que recorda o Doutor Angélico quando afirma:

Assim, dizemos, belas vistas e belos sons. Ao contrário, com respeito aos sensíveis dos outros sentidos não

usamos a palavra beleza, pois não dizemos belos sabores, nem belos odores.¹³⁸

O que parece não impedir, naturalmente, que o olfato, o paladar e mesmo o tato possam ser também concernidos quando a vista e/ou a audição são estimuladas por algum objeto belo.

Tanto que um bolo de aniversário artisticamente montado, ao agradar à vista, pode mobilizar mais facilmente o olfato e o paladar do que os seus mesmos ingredientes desordenadamente dispersos sobre uma mesa. Ou uma voz melodiosa pode ser chamada de ‘aveludada’, numa analogia concernente ao tato.

Examinemos ainda as interações da beleza com os sentidos internos prévios à cogitativa.

O primeiro deles, que é o sentido comum, é responsável por sintetizar as informações oferecidas pelos sentidos externos para propiciar a percepção. Como os externos, o sentido comum também poderá ter uma sensibilidade maior ou menor à feiura ou

¹³⁸ *Suma Teológica*. I-II, q. 27, a. 1, ad. 3.

beleza do objeto considerado, influenciando dessa forma, ainda que remotamente, o processo da atenção.

Sem embargo, o sentido comum e, em consequência, a percepção, parecem ser menos responsivos ou, talvez, um tanto indiferentes ao apelo do belo, pois funcionam como que automaticamente, desde que os sentidos externos operem em sua normalidade. Captado por estes, salvo em condições patológicas, a percepção se dará, seja belo ou feio o objeto percebido.

Em função do seu grau de beleza poderá haver um maior ou menor agrado dos apetites sensitivos, como fruto de uma maior ou menor mobilização da cogitativa. O que não deixa de poder exercer uma ação retroativa sobre a mesma percepção.

Mas mesmo esse grau de beleza não parece ser o fator decisivo, pois um indivíduo poderá perceber menos intensamente um objeto belo se sua cogitativa estiver mais mobilizada por outro objeto que diga mais respeito à conservação de sua vida e saúde.

É o que pode acontecer, por exemplo, com um

indivíduo que, durante a fuga de um incêndio, vê e percebe um esplêndido quadro pendurado na parede. Mas sua percepção estará muito mais mobilizada pelo fogo e seus efeitos que ameaçam a sua sobrevivência.

Já a imaginação e a memória parecem ser bem mais sensíveis à influência do *pulchrum*.

Pois como este é “aquilo cuja apreensão agrada”,¹³⁹ será muito mais apazível imaginar e/ou lembrar situações, fatos ou objetos belos, quer sob a ação da inteligência e da vontade, quer por operação autônoma da potência imaginativa e da memorativa.

E nisto o adequado emprego do belo na educação pode encontrar uma poderosa alavanca para a mobilização da atenção e da motivação, como devemos analisar mais adiante. Pois, como assevera São Tomás:

Quando alguém procura conhecer alguma coisa, logo forma para si algumas representações imaginárias a modo de exemplos, nos quais pode ver, por assim dizer, o que se procura compreender. Igualmente,

¹³⁹ *Suma Teológica*, I-II, q. 27, a. 1, ad. 3.

quando queremos fazer conhecer uma coisa a alguém, lhe propomos exemplos a partir dos quais possa ele formar representações imaginárias para compreender.¹⁴⁰

Quanto mais belos, portanto, os objetos adequadamente oferecidos à imaginação, ou produzidos por ela, maior o agrado promovido por eles e, portanto, maior o seu efeito didático.

A memória, por sua vez, tem um papel ainda mais significativo. Pois, como é de observação trivial, podemos lembrar indiferentemente tanto de objetos feios, quanto neutros, quanto belos.

Contudo, como corroboram vários estudos científicos sobre o tema,¹⁴¹ bem como a experiência

¹⁴⁰ *Suma Teológica*. I, q. 84, a. 7.

¹⁴¹ Veja-se, por exemplo, trabalhos como os de CHRISTIANSON, Sven-Ake (Ed.). *The handbook of emotion and memory: research and theory*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1992; GRAEFF, Frederico. Bases biológicas do transtorno de estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 25, s. 1, p. 21-24, 2003. PERGHER, Giovanni Kuckartz et al. Memória, humor e emoção. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 28, n. 1, p. 61-68, 2006; PINTO, Amâncio da Costa. O impacto das emoções na memória: alguns temas em análise. *Psicologia, educação e cultura*, v. 2, n. 2, p. 215-240, 1998; REISBERG, Daniel (Ed.); HERTEL, Paula (Ed.). *Memory and emotion*. Series in affective science. New York: Oxford University Press, 2004.

cotidiana, lembramos mais facilmente daquilo que esteja associado a emoções mais intensas e/ou significativas, sejam elas boas ou más.

Com a ressalva de que, quando a emoção é demasiadamente intensa ou associada a grande sofrimento pode haver um prejuízo da memória, como costuma ocorrer em desastres notáveis ou tragédias pessoais.

Ora, o agradar, promovido por “aquilo cuja apreensão agrada”,¹⁴² é propriamente fruto da mobilização de uma ou mais das paixões ou emoções enumeradas pelo Doutor Comum, como tivemos ocasião de examinar. Esse agrado poderá envolver emoções como o amor, o desejo, a alegria, a esperança, a exultação, a hilaridade, a admiração ou interações entre elas.

E isso tem como consequência que, ao agradar o apetite sensitivo, o belo facilitará a fixação na memória daquilo que esteja sendo estudado.

Donde se pode concluir que os métodos

¹⁴² *Suma Teológica*, I-II, q. 27, a. 1, ad. 3.

educativos que façam um conveniente uso da beleza poderão ter um efeito sobre a fixação mnésica dos conteúdos ensinados muito superior aos dos que não o façam, ou não o façam de modo adequado.¹⁴³

¹⁴³ Examinaremos mais adiante, no tópico 4 do capítulo 8 (“Condições para que o *pulchrum* possa exercer essa sua ação catalisadora”), quais os requisitos necessários para que seu emprego possa ser considerado adequado.

CAPÍTULO 8 - O *PULCHRUM* ENQUANTO CATALISADOR DE UMA SINERGIA DAS POTÊNCIAS E DAS SUAS INTERAÇÕES

Examinados os pressupostos anteriores, cumpre ponderar agora que, como é evidente, quando as potências humanas procuram conhecer e apetecer (ou rejeitar) os seres, atraídas pelos seus transcendentais, estes as atrairão e mobilizarão mais intensamente, ou menos, na medida em que tais potências atuem em conjunto, e não como forças opostas. Isso se verifica especialmente no funcionamento dos apetites, dada a frequente oposição que se pode observar entre a vontade e os apetites sensitivos, influenciados pelos instintos.

1) Ação sinérgica do *pulchrum* sobre as potências da alma

Nesse processo, o *pulchrum* pode exercer um importante papel que se poderia chamar, por analogia, de catalisador de uma sinergia das potências. Pois, na

medida em que a inteligência se deixe mobilizar adequadamente pelo *pulchrum*, este lhe facilitará o exercício da sua função diretiva sobre a vontade, a qual comandará com maior eficiência o apetite sensitivo e a cogitativa.

E estas poderão conjugar melhor suas respectivas atividades (paixões e instintos) na linha da consecução do ciclo da vida consciente (conhecer, apetecer e agir). O que poderá ser facilitado ainda pela cooperação da imaginação e da memória, como vimos acima.

Porém, o dinamismo das potências não se restringe ao referido ciclo, mas dá origem a vários outros processos cognitivo-comportamentais, dentre os quais se destacam, para nosso estudo, a atenção, a motivação, os hábitos, a personalidade e o caráter.

Dado que o *pulchrum* pode exercer uma ação sinérgica sobre as potências que lhes dão origem, ele também poderá exercê-la sobre tais processos, e com resultados ainda superiores.

2) Efeitos dessa sinergia na atenção e na motivação

Como já referido anteriormente, a atenção é a “direção de nossas potências cognoscitivas para um objeto determinado, com a intenção de conhecer suas qualidades e compreender sua essência”.¹⁴⁴ Por sua vez, o conceito tomista de motivo, segundo Brennan, é “todo objeto apresentado pelo intelecto como um valor, realizável mediante um ato volitivo”.¹⁴⁵

Donde podermos conceituar a motivação (combinando a terminologia tomista com a contemporânea) como o processo intelectual-volitivo que, influenciado pela cogitativa, pelos apetites sensitivos e pela interação social,¹⁴⁶ permite ao indivíduo sua adaptação ao meio e a consecução do comportamento motivado.¹⁴⁷

¹⁴⁴ BRENNAN, *Psicología general*. Op. cit, p. 325, tradução nossa.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 314, tradução nossa.

¹⁴⁶ O conceito de interação social já foi explicitado em nota anterior. A inclusão da cogitativa e do apetite sensitivo nesta formulação do conceito de motivação tem como corolário, evidentemente, a inclusão dos seus respectivos atos, que são os instintos e as paixões, ou emoções.

¹⁴⁷ Com base em Sawrey e Telford (SAWREY, James M.; TELFORD, Charles W. *Psicologia educacional*. 6. reimpressão. Trad. equipe do Gabinete de Psicologia do Instituto de Educação, sob coordenação de

O raciocínio demonstrativo da ação do *pulchrum* sobre a atenção e a motivação é simples. Dado que estas dependem da interação das potências, e que esta interação pode ser posta em sinergia pela adequada ação do *pulchrum*, este último pode exercer, igualmente, um papel otimizador tanto da atenção, quanto da motivação.

A comprovação mais efetiva, porém, é experimental. A imensa maioria das pessoas sadias tem sua atenção mais facilmente atraída por coisas belas, as quais também mobilizam sua motivação com maior facilidade.

O que não significa que o feio ou o trágico não possam atrair veementemente a atenção e mobilizar a motivação. Fazem-no, porém, em geral, no sentido de evitação, de combate e/ou de fuga, e não como facilitadores.

Iva Waisberg Bonow. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1971) podemos entender o comportamento motivado como uma atividade persistente na qual há um considerável dispêndio de energia, que está dirigida para um objetivo, e é condicionada pela presença de um ou mais motivos.

3) Efeitos dessa sinergia nos hábitos, personalidade e caráter

Sintetizando a concepção tomista sobre os hábitos,¹⁴⁸ Brennan os conceitua como:

Uma qualidade permanente que se desenvolve mediante o exercício da inteligência e da vontade e que tende a fazer-nos atuar de uma maneira rápida, fácil e agradável.¹⁴⁹

Evidentemente, quanto maior a atenção e a motivação empregadas no esforço intelectual-volitivo que forma e consolida os hábitos, no qual a memória tem um papel importante, tanto mais fácil e duravelmente estes se estabelecerão.

Ora, se o *pulchrum* tem um efeito catalisador sobre a atenção e a motivação, bem como sobre a memória, necessariamente o terá – e numa relação de proporção direta – sobre a formação dos hábitos.

Ainda devemos retornar ao exame dessa ação

¹⁴⁸ São Tomás apresenta sua doutrina sobre os hábitos em várias partes da *Suma Teológica*, como, por exemplo, na I parte, nas q. 84, a. 7; q. 87, a. 2, e q. 89, aa. 5-6. Na I-II, nas questões 49 a 61, que Brennan (*Psicología general*. Op. cit.) considera as principais. E na II-II, nas q. 1, a. 1; q. 4, aa. 1, 2, 4; q. 5, a. 4; e q. 109, a. 2.

¹⁴⁹ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit. p. 347, tradução nossa.

‘catalisadora’ do *pulchrum* sobre os hábitos mais adiante. No entanto, convém observar agora que, como vimos acima e a evidência impede de negar, os hábitos têm um papel fundamental na formação da personalidade e do caráter.

Donde decorre que a conveniente utilização da beleza na educação terá também um papel catalisador da sinergia das potências humanas que concorrem para a formação da personalidade e do caráter.

Pois, de um lado, como tivemos ocasião de observar, os transcendentais são reversíveis entre si e o *pulchrum*, em particular, pode conduzir com mais facilidade ao *verum*, para o qual se volta prevalentemente a inteligência, e ao *bonum*, que atrai em especial a vontade, mobilizando estas duas potências com maior facilidade do que os outros transcendentais isoladamente considerados.

E de outro lado, vimos que a personalidade se estrutura tendo como eixo principalmente os atos e hábitos da inteligência, enquanto que o caráter, os decorrentes da vontade. Desse modo, o conveniente

emprego do *pulchrum* na atividade intelectual estará na raiz ontológica da formação da personalidade, assim como sua utilização na atividade volitiva o estará na do caráter.

Em outros termos, as crianças e os jovens formados na adequada admiração da beleza, seja no âmbito das disciplinas escolares, seja na educação familiar, seja nos ambientes sociais que frequentem, tenderão a ter uma personalidade e, sobretudo, um caráter muito mais bem formados do que os que se desenvolvam nas condições contrárias. A observação cotidiana da realidade o comprova largamente.

4) Condições para que o *pulchrum* possa exercer essa sua ação catalisadora

Convém fazer uma ressalva, entretanto. Referimo-nos sempre a uma *adequada* ação do *pulchrum*. Tal ação será adequada quando realizada sob o governo da inteligência, auxiliada pela reta vontade, e em conformidade com as mais altas finalidades da vida humana.

Tal adequação pressupõe, ademais, a finalidade mais alta do *pulchrum* que é ser, ao mesmo tempo, reflexo e caminho para a Beleza suprema que é Deus, Causa incriada de todos os seres e, conseqüentemente, de seus transcendentais. Pois um efeito só pode estar adequado quando esteja em harmonia com sua causa, sirva de via de acesso à mesma, e atinja os objetivos para os quais foi causado.

Só em consonância com estas finalidades a ação do *pulchrum* estará efetivamente sob o governo da inteligência e poderá ser promotora de uma autêntica sinergia das potências e das suas interações.

A comprovação dessa assertiva também é simples. Pois, caso a ação do belo se exerça prevalentemente sobre a cogitativa e os apetites sensitivos, estes poderão atuar em contraposição ao apetite racional. E este, por sua vez, terá menos facilidade de executar as diretivas do intelecto, único capaz de captar a plenitude ontológica do *verum* e do *bonum* que transparece nos entes.

A sinergia das potências da alma ficará, pois,

prejudicada. E prejudicada ficará, em consequência, a ação do *pulchrum* sobre a atenção, a motivação, a formação da personalidade e do caráter.

Servindo-nos de uma analogia, poderíamos comparar a inteligência a um maestro que tenha em suas mãos uma batuta chamada *pulchrum*. Na medida em que este maestro consiga pôr em harmonia a orquestra composta pelas demais potências da alma, servindo-se dessa batuta, as sinfonias executadas serão também perfeita e plenamente harmônicas.

Caso, porém, sua vontade se desvie para as injunções dos apetites sensitivos e dos instintos, e não se submeta às diretrizes da inteligência, o mesmo *pulchrum* poderá ser instrumento para o desgoverno das demais potências. O efeito seria análogo ao da cacofonia produzida por uma orquestra conduzida por um maestro que usasse desordenadamente a sua batuta.¹⁵⁰

¹⁵⁰ Como já comentado, a completa compreensão desse conjunto de afirmações pressupõe a inclusão do papel da graça, da formação religiosa teórica e prática do indivíduo, assim como, analogamente, na metáfora aludida, a atuação do maestro dependeria da vitalidade do seu organismo, da sua formação e sua prática na arte musical.

CAPÍTULO 9 - SINERGIA DAS POTÊNCIAS E ESSÊNCIA DA APRENDIZAGEM

Conjugando os ensinamentos de São Tomás sobre os hábitos e a educação, Brennan¹⁵¹ mostra que, do ponto de vista psicológico, o processo essencial da aprendizagem é a formação de hábitos intelectivos e volitivos. Como vimos acima, Brennan conceitua os hábitos como

uma qualidade permanente que se desenvolve mediante o exercício da inteligência e da vontade e que tende a fazer-nos atuar de uma maneira rápida, fácil e agradável.¹⁵²

Em outros termos, aprender, segundo a concepção tomista, significa adquirir conhecimentos que mobilizarão a vontade para a execução de atos, atos estes que, com o tempo, se transformarão em hábitos, tornando o educando cada vez mais proficiente na execução das concepções e

¹⁵¹ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit.

¹⁵² *Ibidem*, p. 347, tradução nossa.

procedimentos apreendidos.

O que tem como corolário que, sob este ponto de vista, a simples definição de hábito há pouco apresentada poderia ser considerada, *mutatis mutandis*, também como uma definição tomista de aprendizagem.¹⁵³

Por outro lado, os hábitos são, como vimos anteriormente, um dos processos decorrentes da interação das potências, assim como a atenção e a motivação. Como a essência da aprendizagem é a formação de hábitos, a importância da mobilização dos hábitos pelo *pulchrum* é ainda maior do que a da atenção e da motivação.

Pois o aluno que, motivado pelo belo, memoriza melhor e transforma em hábito aquilo que aprendeu, tem um rendimento consideravelmente superior ao daquele que, apesar de atento e motivado durante o aprendizado, acaba esquecendo o que

¹⁵³ Vale notar que não dizemos “a definição”, mas “uma definição” tomista de aprendizagem. Pois a doutrina do Doutor Angélico é tão rica que podemos encontrar muitas outras definições para o termo, complementares entre si ou mesmo relacionadas com outros enfoques que não o exclusivamente psicológico.

recebeu.

A coerência com os pressupostos até aqui apresentados permite-nos deduzir também que essa formação de hábitos, conjugada retroativamente com o favorecimento da atenção e, em especial, da motivação, favorecerá, por sua vez, a constituição de hábitos conexos com o processo da aprendizagem.

Dentre estes, pode-se destacar o desenvolvimento da força de vontade para estudar, o aperfeiçoamento da memória, a aplicação da atenção, o gosto de aprender e sentir-se enriquecido por novos conhecimentos. Também uma melhor compreensão dos próprios deveres e da necessidade da disciplina pessoal para atingir esses objetivos, o gosto pela difusão dos conhecimentos adquiridos, e assim por diante.

A aprendizagem vista como um processo de consolidação de hábitos intelectualivo-volitivos, e, portanto, coerentes tanto com as finalidades imediatas, quanto com as mais elevadas do homem, encaminha não somente para uma aquisição de

conteúdos ou práticas, mas para uma completa formação da personalidade e do caráter.

Pois, como já observado anteriormente, de nada valem, ou antes, podem mesmo ser dotadas de valores negativos, a aquisição de conhecimentos sem a concomitante estruturação da personalidade e, sobretudo, do caráter.

O quotidiano está cheio, infelizmente, de fatos concretos que corroboram a assertiva. A tal ponto que, em nossos dias, boa parte do noticiário da mídia diz respeito a pessoas que se serviram de sua inteligência e da sua formação sócio-político-cultural para finalidades ou atividades contraditórias com os mais elementares princípios morais.

Para concluir este tópico, convém recordar que, segundo São Tomás, a aprendizagem não deve ser confundida com o processo educacional como um todo, mas deve ser entendida como uma parte integrante, embora fundamental, do mesmo.

Para isso, é mister distinguir a visão psicológica de aprendizagem em São Tomás, que

acabamos de examinar, da sua concepção de atividade docente, ou ensino, que ele entende como um processo muito mais amplo e profundo.

Na obra que escreveu precisamente sobre o tema do ensino, ele delinea a essência do mesmo, do ponto de vista filosófico, ao observar que

a potência intelectual, como é colativa, passa de alguns [objetos] a outros, donde não se tem igualmente em relação a todos os inteligíveis a ser considerados, mas imediatamente vê alguns, como aquelas coisas que são por si mesmas evidentes, nas quais implicitamente se contêm algumas outras que não pode entender senão por ofício da razão, explicando aquelas coisas que se contêm nos princípios; donde, para conhecer desse modo, antes de ter o hábito, não só está em potência accidental, mas também em potência essencial. Necessita, com efeito, do motor que a (18) leve ao ato pelo ensinamento, como se diz na Fís. VIII [com. 32]: do que não precisa aquele que habitualmente já conhece algo (19).

O que ensina estimula, pois, o intelecto para saber aquelas coisas que ensina, como o motor essencial

que eduz da potência ao ato; mas, mostrando uma coisa à visão corporal, estimula-a, como motor por acidente, enquanto o que tem o hábito da ciência pode ser estimulado a considerar a respeito de algo.¹⁵⁴

Comentando este trecho, Camello esclarece que:

Isso significa que aquele que ensina estimula o intelecto do discípulo a que passe da potência ao ato, de modo que saiba o que lhe é ensinado. De si mesma, a potência intelectual, sendo colativa, é capaz de passar de um inteligível a outro, por via da razão. Mas se não tem ainda o hábito da ciência, precisa de uma causa motriz - no caso, o mestre - que a incite a passar da condição accidental e essencial em que está para a atualidade do conhecimento (Art. I, PARA 12). Esse é o princípio geral. Há certa mimética entre a razão que ensina e a razão que aprende, tendo-se, por

¹⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO, Santo. *De Magistro*: sobre o mestre (Questões Discutidas sobre a Verdade, XI). Tradução e notas de Maurílio José Oliveira Camello. Lorena: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2000. a. 1, ad 12. Colchetes e números entre parêntesis do original.

base, o processo mesmo do discurso da razão ao conhecer. [...] Para explicar melhor, S. Tomás ajuda-se da analogia da arte médica: como o médico causa a saúde no doente com a operação da natureza, o mestre causa a ciência no discípulo pela operação da razão natural. Causa principal da saúde é a natureza que trabalha internamente. Causa principal da ciência é a razão que está de posse dos primeiros princípios, das "razões seminais" do conhecimento. O ensino é causa externa, mas, levando-se em conta que, na gnoseologia tomasiana, todo conhecimento começa nos sentidos, o mestre - com seus sinais sensíveis que manifestam como linguagem suas "intenções inteligíveis" - oferece a condição *sine qua non*, primeira, de todo conhecimento.¹⁵⁵

Embora um tanto longas, as duas transcrições que acabamos de fazer têm a vantagem de esclarecer o que São Tomás entende como essência da arte de ensinar ocupando menos espaço e tempo do leitor.

Com base nelas, fica mais fácil entender a

¹⁵⁵ CAMELLO, Maurílio José Oliveira. Introdução. In: TOMÁS DE AQUINO, Santo. *De Magistro*: sobre o mestre (Questões discutidas sobre a verdade, XI). Op. cit., p. 14-15. Itálicos do original.

analogia que o próprio Doutor Angélico faz, mencionada por Camello,¹⁵⁶ para definir o ensino:

Assim como se diz que o médico causa a saúde no doente com a operação da natureza, também se diz que o homem causa a ciência em outro, pela operação da razão natural desse: e isso é ensinar.¹⁵⁷

E se isto é ensinar, segundo o Aquinate, tudo o que se pode dizer dos efeitos da sinergia das potências e de suas interações adequadamente estimuladas pelo *pulchrum* sobre a aprendizagem, também pode ser aplicado, dentro do enfoque tomista, ao processo educacional entendido como sinônimo do ensinar.

Tanto a aprendizagem quanto o ensino, portanto, só têm a se beneficiar com o conveniente uso da beleza.

¹⁵⁶ CAMELLO. Op. cit.

¹⁵⁷ TOMÁS DE AQUINO, Santo. *De Magistro*: Sobre o mestre (Questões Discutidas sobre a Verdade, XI). Op. cit., a. 1, co.

CAPÍTULO 10 - A PESSOA ENQUANTO OBJETO DA EDUCAÇÃO E O EMPREGO DO PULCHRUM

1) A concepção tomista de pessoa

Convém agora retomar a concepção de pessoa humana adotada por São Tomás para deduzir alguns de seus aportes, e relacioná-los com a utilização do *pulchrum* na atividade educacional.

Na *Suma Teológica*, o Doutor Angélico expõe com particular atenção sua concepção de pessoa no artigo primeiro da questão 29 da primeira parte. Seguindo Boécio,¹⁵⁸ São Tomás a entende como uma “substância individual de natureza racional”.¹⁵⁹ Conjugada com seus ensinamentos sobre a psicologia humana, essa definição se revela de uma clareza e profundidade singulares, apesar da simplicidade da sua formulação.

¹⁵⁸ A quem Lourenço Valla, no século XV, chamou de “o último dos romanos, o primeiro dos escolásticos” (Cfr. KENNY, Anthony. *Uma nova história da filosofia ocidental*. Volume II: Filosofia Medieval. Tradução Carlos Bárbaro. São Paulo: Loyola, 2008. v. 2, p. 43).

¹⁵⁹ *Suma Teológica*, I, q. 29, a. 4.

Com efeito, ela abrange tanto os elementos substanciais formais, quanto os materiais do ser humano, segundo a concepção hilemórfica na qual se baseia, isto é, de ente composto de matéria e de forma, no qual esta é a responsável pela atualização (no sentido de pôr em ato) daquela. Abrange ainda sua natureza relacional, como veremos logo adiante.

Essa concepção substancial da pessoa nos permite entender como ela pode identificar-se consigo mesma, apesar de todas as mudanças por que passa, desde sua concepção até a extrema velhice. Pois uma substância é aquilo que permanece em si mesma, em que pesem as mudanças dos seus acidentes.

Essa concepção nos permite entender também por que, apesar dos diversos elementos que a compõem, essa substância é una, individual. Pois se trata de uma substância que serve de sustentação (*hypostasis*) tanto para as potências da alma, quanto para a realização dos seus atos, dependentes da matéria para se efetivarem. Essa substância ou suporte é o que mantém coesos, por assim dizer, todos esses

componentes, reunidos num único indivíduo.

Permite explicar ainda por que essa substância individual é de natureza racional, mostrando que isso se deve à sua potência intelectual.

Sendo de natureza puramente formal, embora em articulação com todas as demais potências e com a materialidade corporal, a inteligência pode ter a quiddidade dos seres como objeto, quiddidade esta que é uma realidade também formal.

Isto lhe possibilita formar conceitos abstratos sobre os entes que conhece, comparar tais conceitos entre si formando juízos e cotejar tais juízos para formular inferências ou raciocínios, caracterizando, assim, sua natureza racional. Permite-nos entender, portanto, por que e como a pessoa pensa.

O conceito boeciano-tomista de pessoa mostra, por fim, que além de ser capaz de conhecer a realidade cognoscível, devido à sua potência intelectual, essa substância individual é capaz de decidir livremente sobre aquilo que conhece, por força de sua potência volitiva. E, portanto, de

determinar seu próprio comportamento, de relacionar-se consigo mesma, com as demais substâncias inteligentes, bem como com os demais seres capazes de algum grau de relação.

Desta sua capacidade, bem como também do fato de toda substância, do ponto de vista metafísico, estar associada a outras categorias, entre elas a de relação, decorre a natureza relacional da pessoa humana, além da substancial.¹⁶⁰

Alguns autores que privilegiam o aspecto relacional no conceito de pessoa, entretanto, parecem considerar a concepção tomista de pessoa não

¹⁶⁰ Para mais elementos sobre a concepção de pessoa segundo São Tomás, veja-se, por exemplo, DERISI, Octavio Nicolás. *Esencia y vida de la persona humana*. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1979; ECHAVARRÍA, Martín F. *Persona y personalidad. De la psicología contemporánea de la personalidad a la metafísica tomista de la persona*. *Espíritu*, v. 59, n. 139, p. 207-247, 2010; idem. *El modo de subsistir personal como reflexión sustancial según Tomás de Aquino*. *Espíritu*, v. 62, n. 146, p. 277-310, 2013; FAITANIN, Paulo Sérgio. *Acepção 'teológica' de pessoa em Tomás de Aquino*. *Aquinate*, n. 3, p. 47-58, 2006; FORMENT, Eudaldo. *Ser y persona*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 1982; idem. *El personalismo de Santo Tomás*. *Sapientia*, v. 45, n. 178, p. 277-294, 1990; LOMBO, José Angel. *La Persona en Tomás de Aquino*. Un estudio Histórico y sistemático. Roma: Pontificia Universita della Santa Croce, Apollinare Studi, 2001; RODRÍGUEZ, Victorino. *Estudios de antropología teológica*. Madrid: Speiro, 1991.

suficientemente ‘relacional’. McPartlan, por exemplo, chega a afirmar que São Tomás “se contenta, em geral, para falar do Deus uno ou das pessoas humanas, com uma definição não relacional da pessoa”.¹⁶¹

Este autor parece esquecer, contudo, que boa parte da Teologia Tomista versa também sobre Deus uno e trino, sobre as relações entre as três Pessoas da Santíssima Trindade, bem como sobre suas relações com suas criaturas, entre elas, com a pessoa humana. A qual, portanto, não pode deixar de ter uma natureza também relacional.

Também a Filosofia Tomista e, dentro desta, especialmente sua Psicologia,¹⁶² ora mais diretamente, ora menos, se interessa pelos aspectos relacionais do homem. Onde se pode sustentar com segurança que a concepção tomista de pessoa leva em conta tanto o seu aspecto substancial, quanto o relacional.

¹⁶¹ MCPARTLAN, Paul. Pessoa. In: LACOSTE, Jean-Yves (Org.). *Dicionário crítico de Teologia*. Tradução Paulo Meneses et al. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2004. p. 1396.

¹⁶² Tenha-se presente, por exemplo, tudo quanto examinamos no tocante ao processo cognoscitivo-operativo humano e ao seu ciclo da vida consciente.

Este é, aliás, o parecer atualizado de autores que se debruçaram sobre o tema. Na opinião de Mori,¹⁶³ por exemplo, com São Tomás de Aquino

o conceito de pessoa alcança sua plena explicitação. Por um lado, ele esclarece a ligação entre substância e relação numa mesma definição de pessoa, ao desenvolver a ideia de “relação subsistente”, que põe em evidência o caráter único de cada pessoa divina e a identidade de essência entre elas. Por outro, ele assegura a unidade da pessoa humana, vista como união indissociável entre corpo e alma. Sua síntese será, porém, lentamente esquecida na reflexão posterior, que tendeu a condenar o ser humano à solidão para que se encontrasse a si mesmo. De fato, já no fim da idade média, a noção de pessoa se tornou abstrata e, com o retorno ao pensamento clássico, promovido pelo Renascimento, o aporte da reflexão bíblica em sua definição foi relativizado e marginalizado.¹⁶⁴

¹⁶³ Cujo estudo é fruto da participação em um grupo de um trabalho de nível pós-doutoral sobre a trajetória do conceito de pessoa no Ocidente, realizado em Paris, em colaboração com vários outros pesquisadores.

¹⁶⁴ MORI, Geraldo Luiz de. A trajetória do conceito de pessoa no

2) A pessoa enquanto objeto da educação

A definição do objeto de qualquer atividade é condição fundamental para o seu bom êxito. Um agricultor que pretenda plantar trigo com técnicas para o cultivo do arroz, ou um zelador de zoológico que imagine estar lidando com animais domésticos, ou um político que pretenda dirigir um parlamento com modos militares, por exemplo, estarão fadados às consequências dos seus erros de definição de objeto.

Tal definição é regra de elementar bom senso e será tanto mais verdadeira, quanto mais estiver voltada para atividades superiores, como as que dizem respeito à educação do ser humano.

Entretanto, boa parte dos problemas e dos fracassos atinentes à educação contemporânea talvez estejam justamente relacionados com este ponto: a deficiência na clara definição do seu objeto.

Ocidente. *Theologica xaveriana*. Bogotá, v. 64, n. 177, p. 59-98, enero-junio 2014, p. 86. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/thxa/v64n177/v64n177a03.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

Se um educador tem em vista principalmente números, estatísticas, dados quantitativos ou qualitativos, terá ele os mesmos resultados que aqueles que têm em vista a pessoa humana enquanto objeto de suas atividades docentes?

Se ele entende essa pessoa como uma peça anônima a serviço de um Estado em função do qual tudo gira; ou se a vê como um simples consumidor de um mercado, tanto mais omnimodo quanto mais globalizado; se a vê como um mero respondente a esquemas de estímulo e respostas; ou ainda como fruto de um cego dinamismo supostamente inconsciente que predetermina sua motivação, terá ele os mesmos resultados que o educador consciente de formar um indivíduo de natureza racional, dotado de livre-arbítrio, e, portanto, de alteridade, de dignidade, de direitos e deveres?

Como já tivemos ocasião de examinar mais detalhadamente essas questões em outro estudo,¹⁶⁵

¹⁶⁵ CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Pessoa, ética e educação sob o enfoque tomista*. Op. cit. Disponível em: <<http://philpapers.org/archive/DEHPTE.pdf>>.

aliás, de acesso facilitado por estar disponível na internet, limitamo-nos, mais uma vez, a encaminhar ao mesmo o leitor interessado.

Parece-nos, ademais, que o leitor que tenha aceitado os pressupostos tomistas até aqui apresentados não terá a menor dificuldade de concordar que o verdadeiro objeto da educação é a pessoa humana. E esta entendida segundo os princípios tomistas que acabamos de expor.

A adoção desse pressuposto tem, entretanto, algumas consequências práticas que vale a pena levar em consideração, para depois cotejá-las com o emprego do *pulchrum* nas atividades educativas.

3) Aportes da concepção tomista de pessoa ao processo educativo

A adequação da atividade educacional à pessoa humana, entendida segundo o enfoque tomista, traz consigo várias consequências práticas pelo fato de levar em conta tanto a substancialidade, quanto a relacionalidade da pessoa, em especial no que diz

respeito a cada potência do ser humano, bem como às interações existentes entre elas.

A coerência com o mencionado enfoque levará o educador a ocupar-se com a informação da inteligência do educando, oferecendo-lhe todos os dados de que necessita para operar adequadamente.

Procurará também ajudá-lo a adequar o processo de comparação de conceitos para ensinar-lhe a formar juízos com objetividade; e a comparar esses juízos entre si de maneira a compor raciocínios perfeitos, sem falhas processuais. Donde decorre, aliás, a ênfase que a concepção tomista dá ao ensino da Lógica Formal e da Material, bem como à proficiência em sua utilização.

Ênfase equilibrada, contudo, pela adequação do processo cognitivo aos dados da realidade, ajudando a evitar a constituição de uma mentalidade excessivamente teórica no educando.

Equilíbrio este que ajudará também a corrigir os desvios oriundos dos exageros da imaginação, das emoções ou do pragmatismo, e no qual o *pulchrum*

tem uma especial colaboração a dar, como veremos no tópico seguinte.

Em suma, quanto à formação da inteligência, a concepção tomista de pessoa levará o mestre não somente a repassar conteúdos, isto é, a informar, mas, sobretudo, a ensinar a arte de entender e de lidar com os mesmos, ou seja, a pensar.

Tal concepção levará também o formador a dar uma especial atenção à formação da vontade do pupilo, dado o papel que essa potência tem na estruturação do caráter.

Pois um caráter bem formado será o responsável pela adequação do uso dos conteúdos fornecidos à inteligência às exigências impostas pela natureza relacional do ser humano, tanto na sua relação com os seres que lhe são superiores, como iguais ou inferiores.

Num plano ontológico inferior ao do apetite racional (ou vontade), a concepção tomista de pessoa considera a existência do apetite sensitivo (comum aos homens e aos animais irracionais), e num plano

ainda mais baixo, o apetite vegetativo (comum aos homens, animais e vegetais). Considera ainda que esses apetites podem entrar em contradição entre si.

A clara explicação desses conceitos e desses dinamismos ao educando já lhe facilita a compreensão da importância da adequada formação da vontade e, portanto, do caráter, bem como da necessidade da moderação e do governo dos demais apetites, em especial do sensitivo.

Pois, como vimos, São Tomás demonstra que as emoções são ativadas pelo apetite sensitivo, o qual é desencadeado, por sua vez, primordialmente pelo conhecimento cogitativo, embora podendo ser condicionado também pelo intelectual.

Por essa razão, uma pedagogia lastreada no enfoque tomista deve levar particularmente em conta a conveniente formação da potência cogitativa, uma vez que ela é o elemento cognoscitivo que atuará em primeiro lugar no desencadeamento das emoções e dos instintos. E que, por isso, poderá ser uma potente aliada – ou adversária – da formação de um adequado

equilíbrio entre todas as potências do ser humano, do seu equilíbrio emocional e comportamental.

4) Concepção tomista de pessoa, emprego do *pulchrum* na educação e formação da cogitativa

A formação da cogitativa assume, desse modo, uma especial importância no desenvolvimento de todas as demais etapas do processo educacional.

E aqui entra mais especialmente o papel do apropriado emprego do belo no aludido processo. Pois se é verdade que a inteligência é mais estimulada pelo *verum*, e a vontade pelo *bonum*, também o é que o *pulchrum*, além de estimular a ambas as potências, mobilizará ademais a cogitativa e os apetites sensitivos, a imaginação e a memória, promovendo a sinergia de que tratamos acima.

Por outro lado, dada a reversibilidade existente entre os transcendentais do ser, o transcendental *unum* será também mais facilmente posto em relevo quando conjugado com o *pulchrum*.

O que significa que, ao captar a beleza de um

objeto de estudo, o aluno terá mais facilidade de entender sua unicidade e seus consequentes nexos de causalidade e finalidade, aumentando-lhe o interesse e a satisfação pelo fato de entender, e de entender bem, aquilo que estuda.

Oportuno recordar ainda que, dessa sinergia das potências da alma, bem como dessa reversibilidade entre os transcendentais do ser, promovidas pelo *pulchrum*, decorrerão também todos os efeitos dessa sinergia¹⁶⁶ sobre os processos cognitivos, comportamentais e sociais decorrentes das interações entre as potências da alma.

A formação da cogitativa é de especial importância, portanto, para a constituição dessas sinergias e desses resultados.

Tal formação pode ser obtida por meios diretos, como o estudo e a prática da música e de outras manifestações artísticas. Ou indiretos, como a criação de um ambiente receptivo e admirativo para com a beleza e suas manifestações transcendentais,

¹⁶⁶ Ver capítulo 8.

morais, históricas, sociais e naturais, bem como sua recorrente apresentação, sempre que venha a propósito, nos conteúdos e práticas didáticos.

A própria formação específica da inteligência poderá ser beneficiada com a da cogitativa. Pois esta, por estar mais próxima dos dados da realidade oferecidos pelos sentidos, bem como pelos primeiros princípios,¹⁶⁷ poderá contribuir para evitar a constituição de uma mentalidade excessivamente teórica no educando, como comentado no tópico imediatamente anterior.

Por outro lado, a formação da cogitativa, subordinada habitual e metodicamente ao governo da inteligência e da vontade, tenderá gradualmente a prevenir ou moderar os desvios cognitivo-comportamentais, também acima comentados, decorrentes de influências exageradas da imaginação, das emoções ou, em sentido contrário, de um senso

¹⁶⁷ Sobre estes, ver *Commentarii in quatuor Libros Sententiarum Petri Lombardi*, L. II, d. 39, q. 2, a. 2, ad. 4; *De Magistro*, a. 1; *De Veritate*, q. 14, a. 2, c.; *Summa Contra Gentiles*, L. 4, c. 11; *Summa Theologiae*, I-II, q. 94, a. 2.

prático imediatista e exagerado.

O tema é tão vasto, contudo, que seria necessária a estruturação de outro estudo exclusivamente dedicado ao mesmo. Ou a conjugação de várias e articuladas pesquisas sobre o assunto, tamanha a sua riqueza, amplitude e importância.

Enquanto tal investigação não se estrutura, contentemo-nos com concluir que o adequado emprego do *pulchrum* na educação é a consequência lógica da adoção da pessoa como objeto da mesma, e da pessoa entendida segundo a concepção tomista.

CAPÍTULO 11 - EFICÁCIA DIDÁTICA E SOCIAL DO EMPREGO DO PULCHRUM

Qualquer sistema educacional que se pretenda eficaz empenha-se em atrair a atenção e a motivação do aluno, para torná-lo proficiente nas matérias que lhe oferece para estudo.

O sonho de qualquer formador, em qualquer nível de ensino ou tipo de formação, é encontrar educandos atentos, motivados e, em consequência, diligentes e cooperativos. Mais ainda, que aproveitem para suas vidas aquilo que estão aprendendo.

Como decorre dos diversos tópicos que acabamos de examinar, esse sonho pode se tornar realidade. Para isso, faz-se necessário promover, basicamente, uma interação e uma sinergia das potências ou faculdades da pessoa humana, bem como dos processos cognitivo-comportamentais decorrentes dessa interação.

Objetivo este que pode ser facilitado através do

possante instrumento que é o adequado emprego do *pulchrum* nos diversos níveis e formas de atividades educacionais.

Pode-se encontrar uma comprovação dessa sua eficácia didática na Dissertação de Mestrado em Psicologia do Monsenhor João S. Clá Dias,¹⁶⁸ a qual, combinando a metodologia filosófica com a empírica, apresenta um estudo de caso sobre seus resultados positivos.

Outra forma de comprová-la seria o desenvolvimento e a testagem experimental de metodologias e técnicas concretas de utilização do *pulchrum*, avaliando, depois, seus resultados nos diversos âmbitos educacionais.

Como já ressaltado desde a introdução do presente estudo, entretanto, isso ultrapassaria os limites dos seus objetivos. Cabe-nos, de momento, tão somente ater-nos aos princípios gerais filosóficos e psicológicos que podem subsidiar futuros estudos

¹⁶⁸ CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *La 'primera mirada' del conocimiento y la educación: un estudio de casos*. Op. cit.

nessa área.

Mantendo-nos dentro dos limites delimitados por esses princípios gerais, entretanto, podemos conjecturar algumas iniciativas práticas básicas. Como já mencionado, uma delas é o estabelecimento de uma atitude receptiva e até admirativa para com o belo entre os educandos. Seja por iniciativa do corpo docente e de seus auxiliares, no âmbito da educação formal, seja por parte dos outros formadores, prévios ou complementares aos âmbitos escolares.

A criação de um ambiente baseado nessa atitude psicológica parece-nos mesmo o elemento fundamental para que o jovem em formação possa beneficiar-se dos efeitos didáticos do *pulchrum*. Esse ambiente psicológico terá seus efeitos potenciados se for acompanhado pela beleza física do ambiente educacional: estilos arquitetônicos, cores, mobiliário, tudo pode contribuir para este fim.

A comprovação da assertiva nasce da observação dos resultados que se pode verificar nas instâncias educacionais onde tal atitude, e o ambiente

por ela criado, inclusive o material, é indiferente ou até depreciativo para com a beleza.

Quando o belo, ou seus reflexos nas matérias em estudo, são vistos como ‘coisas infantis’, sem maior importância ou mesmo ridículas, nenhuma iniciativa posterior baseada no emprego do *pulchrum* terá boas chances de ser bem sucedida.

Dando-se-lhe a importância que merece, entretanto, a beleza adquire, por assim dizer, foros de cidadania perante os educandos, que aprendem primeiramente de seus mestres esse conjunto de atitudes, opiniões, tendências e reações comportamentais que constituirão o seu *ethos* pessoal.

Além da transmissão dessa atitude tendencial receptiva, é necessário haver uma formação racional progressiva do educando, adaptada a cada fase do seu desenvolvimento individual, que dependerá da maior ou menor capacidade do seu formador em perceber e transmitir os aspectos belos de cada objeto de estudo.

Ao criar este ambiente admirativo e ao apontar os aspectos *pulchros* dos conteúdos didáticos que tem

por meta ensinar, entretanto, o educador será prontamente recompensado, pois captará com muito maior facilidade a atenção de seus alunos. Mostrando-lhes a beleza intrínseca, ontológica, que decorre da verdade e da bondade contida no assunto que está sendo estudado, o mestre mobilizará melhor a motivação deles para estudar e aprender.

Como o *pulchrum* facilita a percepção e compreensão do *verum*, um educador que se capacite na adequada utilização da beleza obterá, por consequência, um maior poder de convencimento, pelo emprego do raciocínio estruturado e baseado na apresentação lógica do verdadeiro que há na matéria em exposição.

Exposição esta que, por sua vez, facilitará a captação das finalidades do tema em estudo, bem como sua utilidade para a vida presente e futura do aluno, mobilizando mais eficazmente seu interesse.

A isto se soma o fato de que a apresentação do belo facilita a percepção e o entendimento do *bonum* da matéria em exame, tornando-a alvo do desejo de

aquisição por parte do aluno. Seja pela obtenção de novas habilidades, seja pela posse intelectual do conhecimento, seja pela proficiência que o hábito lhe conferirá nas matérias apreendidas.

Pode-se exemplificar, ainda que sumariamente, com o ensino de temas que costumam não atrair especialmente a atenção e a motivação dos alunos, como a raiz quadrada ou outros assuntos matemáticos mais abstratos.

Ao dar uma aula sobre raiz quadrada, um professor de Matemática que se apoiasse na orientação tomista poderia mostrar sua utilidade prática na arte da arquitetura, ilustrando sua exposição com fotos de belas e grandiosas edificações históricas. Ou poderia mesmo iniciar sua aula com slides de palácios e catedrais, para depois mostrar como o cálculo da raiz quadrada permite realizá-los, inclusive com demonstrações práticas, despertando o interesse, a atenção e a motivação do aluno desde o início.

Tais resultados podem se verificar até quando o tema em estudo não apresente uma beleza evidente e

imediate, como pode ocorrer, por exemplo, em aulas sobre enfermidades deformantes ou sobre fatos históricos deploráveis. Porque o que se trata de saber apresentar, em última análise, é a beleza ontológica que acompanha todo ser pelo simples fato de ser, enquanto reflexo contingente do Ser necessário que é a Beleza absoluta. Bem como as realidades conexas que compensam as carências que enfeiam o objeto de estudo em questão.

Assim, por exemplo, ao apresentar a beleza do ato de curar, ou ao menos atenuar o sofrimento do seu semelhante, um professor de Medicina que se sirva do *pulchrum* atrairá a atenção e a motivação de seus alunos muito melhor do que aquele que se limite a apresentar os sinais, sintomas e técnicas terapêuticas recomendadas para uma enfermidade deformante.

E essa atenção e motivação conjugadas, por parte do aluno, o levará a exercitar-se com maior afinco nos procedimentos aprendidos, que acabarão transformando-se em hábitos. Os quais lhe conferirão uma progressiva destreza, que reverterá em benefício

daqueles que sejam objeto de sua futura *ars curandi*.

O mesmo se diga com relação ao docente de História que saiba ressaltar as belezas morais, os atos de virtude, de sacrifício e de heroísmo das pessoas que se destacaram em tragédias históricas. Tais atos sobressairão com tanto maior força de atração, quanto maior for a de repulsão provocada pelas ações reprováveis em estudo.

Com a vantagem de que, como comentado anteriormente, as paixões ou emoções mobilizadas pelos aspectos belos apresentados na exposição, seja num exemplo, seja no outro, facilita a fixação da matéria na memória e sua futura evocação.

Quando, portanto, o emprego do *pulchrum* se exerce sob o comando da inteligência e em sintonia com sua finalidade mais alta, ele pode ser capaz de fascinar a atenção, entusiasmar a motivação, melhorar a fixação e a aprendizagem. Poderá ser, assim, um dos mais eficazes instrumentos para a formação do educando, conduzindo-o, ademais, à aquisição de novos e mais elevados ideais.

Brennan conceitua o ideal como “uma ideia transformada por meio do amor em um motivo para atuar com retidão”.¹⁶⁹ O idealista, neste sentido, é aquele que não só é capaz de transpor para a formação da sua personalidade e do seu caráter aquilo que aprendeu, mas de ordenar sua vida em consequência, e de atuar no sentido de difundir o que recebeu.

Essa é a razão pela qual a adequada utilização da beleza na educação pode ser coroada, segundo São Tomás, por inapreciáveis resultados para a vida em sociedade. Com efeito, sintetizando ensinamentos do Doutor Angélico nos seus comentários ao *De divinis Nominibus*, Bruyne observa que:

Se olharmos mais particularmente à ordem estética, observaremos que a verdadeira beleza faz os homens unânimes na admiração, une-os como irmãos na recíproca simpatia, saída de um comum amor ao ideal, e os reúne em um conjunto com vistas à ação, isto é, com vistas às grandes obras comuns. É o efeito social que a beleza produz nas consciências. Onde quer que se observem estes

¹⁶⁹ BRENNAN. *Psicología general*. Op. cit., p. 377, tradução nossa

efeitos, pode-se estar seguro de que alguma beleza está ativamente presente.¹⁷⁰

Felizes, portanto, as instituições e as nações cujos educadores saibam fazer bom uso do *pulchrum* na formação dos seus pupilos. Elas se beneficiarão diretamente não só dos seus efeitos psicopedagógicos, mas também dos culturais e até dos sociais.

Estarão, assim, sendo plantadas as sementes da sua coesão, vitalidade e grandeza futuras. Sementes estas que se multiplicarão e frutificarão ao serem transmitidas às novas gerações, quando os educandos se tornarem, por sua vez, educadores.

Uma educação que chegue a formar tais idealistas, dotados de sólida estrutura de personalidade e caráter, enlevados pela beleza divina que se reflete nos seus objetos de estudo e que não medem sacrifícios para pôr em prática o que aprenderam, pode ser considerada uma formação que atingiu seu próprio ideal.

¹⁷⁰ BRUYNE, Edgar de. Op. cit., p. 320, tradução nossa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito haveria ainda que examinar sobre a matéria, em particular sobre seus desdobramentos práticos, metodológicos e até físico-ambientais, tanto na educação formal, quanto na informal, nos seus mais diversos níveis e âmbitos de abrangência. Ou ainda do seu papel na formação ou deformação do *ethos* dos indivíduos e dos grupos sociais, dos ambientes, das culturas, das civilizações.

Contudo, a consciência da necessidade dos leitores hodiernos de encontrarem textos sintéticos, ainda que abrangentes, nos aconselha a encerrarmos por aqui. Ou melhor, a fazermos uma pausa, no aguardo de ocasiões propícias para novos desenvolvimentos.

Não sem antes aproveitamos a ocasião para abrir um convite a todos aqueles para os quais as perspectivas apontadas neste estudo signifiquem novas soluções para os problemas que se acumulam sobre a educação em nossos dias, no sentido de nos

enviarem os resultados das pesquisas e estudos que desenvolvam nessa área. Ou também de nos remeterem trabalhos de terceiros de que venham a tomar conhecimento. Pois o aprofundamento desse tema não é tarefa para poucos, nem para iniciativas isoladas ou desarticuladas.¹⁷¹

Possam, pois, as presentes considerações estimular o interesse e a união de esforços tendo em vista a elaboração de novas e mais acuradas investigações sobre a conveniente utilização do *pulchrum* enquanto instrumento didático, sua eficácia nos processos educacionais, seus consequentes benefícios para a vida em sociedade e para as mais elevadas finalidades da existência humana.

¹⁷¹ Disponibilizamos aqui nosso endereço para correspondência eletrônica, de modo a facilitar a permuta de esforços nesse sentido: lamartine.cavalcanti@gmail.com. Agradecemos desde já aos que nos enviem trabalhos acadêmicos sobre o tema, de sua autoria ou de terceiros, bem como aos que queiram ajudar-nos a aprimorar o presente estudo remetendo suas oportunas sugestões, correções ou críticas construtivas.

ANEXO I – PRINCIPAIS REFERÊNCIAS À BELEZA NAS OBRAS DE SÃO TOMÁS DE AQUINO

Oliveira Souza¹⁷² apresenta uma compilação das principais referências à beleza nas obras de São Tomás de Aquino, organizada por Germain Grisez,¹⁷³ que serve para dar uma ideia da atenção que o Doutor Angélico devotou ao tema. Grisez segue a numeração adotada pela edição Marietti, na qual, em algumas obras, se utiliza o símbolo # para indicar a presença de subdivisões.

Grisez deixa claro que não se trata de uma lista completa, mas apenas das referências mais significativas. Seguem as obras que ele relaciona:

Summa Theologiae: I, q. 5, a. 4, ad 1; I, q. 25, a. 6, ad 3; I, q. 39, a. 8; I, q. 66, a. 1; I, q. 69, a. 1; I,

¹⁷² OLIVEIRA SOUZA, Dartagnan Alves de. *O pulchrum e a quarta via de Tomás de Aquino*. 2011. 285f. Tese (Doutorado em Filosofia). Roma: Pontificia Studiorum Universitas Salesiana, 2011.

¹⁷³ GRISEZ, Germain. References to Beauty in St. Thomas. *The Modern Schoolman*, n. 29, 1951/4, p. 43-44, apud OLIVEIRA SOUZA, op. cit., p. 84-85.

q. 70, a. 1; I, q. 91, a. 3; I, q. 91, a. 3, ad 3; I-II, q. 27, a. 1, ad 3; I-II, q. 27, a. 2; I-II, q. 49, a. 2; I-II, q. 49, a. 2, ad 1; I-II, q. 49, a. 4; I-II, q. 50, a. 1; I-II, q. 52, a. 2; I-II, q. 54, a. 1; I-II, q. 55, a. 2, ad 1; I-II, q. 105, a. 1 s.c.; II-II, q. 103, a. 1, ad 2; II-II, q. 116, a. 2, ad 2; II-II, q. 141, a. 2, ad 2; II-II, q. 142, a. 2; II-II, q. 142, a. 4; II-II, q. 145, a. 1, ad 3; II-II, q. 145, a. 2; II-II, q. 145, a. 2, ad 1; II-II, q. 145, a. 2, ad 2; II-II, q. 145, a. 3; II-II, q. 145, a. 4; II-II, q. 180, a. 2, ad 2; Summa Contra Gentiles: II, cap. 64; III, cap. 70; III, cap. 71; III, cap. 94; III, cap. 139; Scriptum Super Libros Sententiarum: I, 3, expositio primae partis textus; I, 31, 2, 1; I, 31, 2, 1 ad 4; II, prologus; II, 34, 1, 1; IV, 16, 2, 2, 2, 1 ad 1; IV, 18, 1, 2, 1; IV 18, 1, 2, 2 ad 1; IV, 24, 1, 1, 1; IV, 44, 3, 1, 1; IV 48, 2, 3; IV 49, 3, 3, 2; IV, 49, 4, 5, 3, ad 1; IV, 49, 5, 1 ad 1; Expositio in Librum Beati Job: cap. 40, lect. 1; Expositio in Psalmos Davidis: XVIII, 1; XXV, 5; XLIV, 2; Espositio in Isaiam Prophetam: LIII, 2; Expositio in Threnos Jeremiae: IV, 7; Expositio in Evangelium Sancti Joannis: cap. 2, lect. 2; Expositio

in Epistolam ad Romanos: cap. 12, lect. 1; Expositio in Espistolam Primam ad Corinthios: cap. 11, lect. 2; cap. 16, lect. 6; Expositio in Epistolam Primam ad Timotheum: cap. 2, lect. 2; De Veritate: 22, 1, ad 12; De Potentia Dei: 4, 2; De Malo: 8, 4; De Virtutibus in Communi: 1, 9, ad 16; Expositio in VIII Libros Physicorum: VII, lect. 5; Expositio in III Libros de Anima: III, lect.2, #597-98; Expositio in Librum de Sensu et Sensato: lect. 7, #101-02; Expositio in X Libros Ethicorum: I, lect. 10, #124; I, lect. 12, #142; I, lect. 13, #159-60; I, lect. 13, #163; III, lect. 19, #604-11; IV, lect. 8, #738; X, lect. 6, #2025-31; Compendium Theologiae: cap. 165; Expositio in Librum de Divinis Nominibus: cap. 1, lect. 2, #59; cap. 2, lect. 1, #114-15; cap. 4 in toto.

ANEXO II – BIBLIOGRAFIA SOBRE A TRANSCENDENTALIDADE DO PULCHRUM EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

Oliveira Souza¹⁷⁴ compilou uma bibliografia sobre o tema em epígrafe que aduzimos aqui para facilitar o trabalho de investigação do leitor interessado na questão.

São os seguintes os autores por ele apresentados:

M. FEBRER, *Metafísica de la Belleza*, in *Revista de Filosofía* 19 (1946/4), pp. 535-573; 24 (1948/1), pp. 93-134; 31 (1949/4), pp. 596-638; H. POUILLON, *Le beauté, propriété transcendental chez les scolastiques (1220-1270)*, in *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age* 21 (1946), pp. 262-314; MANTOVANI, *Il pulchrum nell'orizzonte dei trascendentali dell'essere in S.*

¹⁷⁴ OLIVEIRA SOUZA, Dartagnan Alves de. *O pulchrum e a quarta via de Tomás de Aquino*. 2011. 285f. Tese (Doutorado em Filosofia). Roma: Pontificia Studiorum Universitas Salesiana, 2011, p. 94. Conservamos a metodologia referencial do autor para preservar a fidelidade da transcrição.

Tommaso d'Aquino, op. cit., pp. 377-394; P.S. ZAMBRUNO, *La bellezza che salva: L'estetica in Tommaso d'Aquino*, Napoli, Editrice Domenicana Italiana, 2008; BANYERES, *La belleza según santo Tomás de Aquino*, op. cit., pp. 2-19; LOBATO, *Ser y Belleza*, op. cit.; Id., *Los elementos de la belleza categorial*, op. cit., pp. 20-31; G. GREIF, *The relation between transcendental and aesthetic beauty according to St. Thomas*, in *The Modern Schoolman* 40 (1963/1), pp. 163-182; L. ELDERS, *La teología y la metafísica de la belleza de Santo Tomás de Aquino*, Madrid, Instituto CEU de Humanidades Ángel Ayala, 2006; Id., *La metafísica dell'essere di San Tommaso d'Aquino in una prospettiva storica I. L'essere comune*, op. cit., pp. 160-169; A. RUIZ RETEGUI, *Pulchrum: Reflexiones sobre la Belleza desde la Antropología Cristiana*, Madrid, RIALP, 1999; ANDEREGGEN, *La metafísica de Santo Tomás en la exposición sobre el De Divinis Nominibus de Dionisio Areopagita*, op. cit.; SELLÉS, *El método cognoscitivo de la belleza trascendental*, op. cit., pp. 87-99; F.

FIorentino, *Il pulchrum in S. Tommaso*, in *Sapienza* 52 (1999/4), pp. 385-418; Mondin, *La bellezza come trascendentale in Platone, Agostino e Tommaso*, op. cit., pp. 385-397; Id., *La metafisica di S. Tommaso d'Aquino e i suoi interpreti*, op. cit., pp. 485-506; Gilbert, *Metafísica: La paciencia de ser*, op. cit., pp. 375-388; P. Faitanin, *O belo em São Tomás: da apreciação sensível à contemplação*, in *Aquinate* 5 (2007/1), pp. 18-43, Disponível em <http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/tomismo-filosofia-a-estetica-tomista.htm>, [Consulta feita 30 de novembro de 2011]; S.J. Castro, *El placer estético en Tomás de Aquino*, in *Ciencia Tomista* 427 (2005/2), pp. 225-236; Eco, *Il problema estetico in San Tommaso*, op. cit.; Monacheese, *La bellezza come nome di Dio nel pensiero di Tommaso d'Aquino*, op. cit.; J. Roig Gironella, *Esbozo para una metafísica de la belleza*, in *Pensamiento* 17 (1949/1), pp. 33-51; Id., *Metafísica de la belleza*, in *Pensamiento* 25 (1951/1), pp. 29-53; Forment, *La transcendentalidad de la belleza*, op. cit., pp. 165-

182; J. AUMANN, *La belleza y la respuesta estética*, in *Revista de Filosofía* 44 (1953/1), pp. 77-100; A.P. LABORDA, *Verdad, Bondad, Belleza: ¿No es la belleza la finalidad de ser?*, in *Revista Española de Teología* 66 (2006/1), pp. 99-140; VALVERDE, *Introducción a la polémica aristotélico-tomista sobre la trascendentalidad metafísica de la belleza*, op. cit., pp. 305-317; B.G. PAREDES, *Ideas estéticas de Santo Tomás*, in *La Ciencia Tomista* 6 (1911/1), pp. 345-357; T. MELENDO GRANADOS, *La expansión perfectiva del ente en el trascendental "pulchrum"*, in *Estudios Filosóficos* 98 (1986/1), pp. 103-128.

REFERÊNCIAS

AERTSEN, Jan A. *La filosofía medieval y las trascendentales*. Un estudio sobre Tomás de Aquino. Tradução Mónica Aguerri e María Idoya Zorroza. Revisão Juan Cruz Cruz. Pamplona: EUNSA.

ALARCÓN, Enrique. *Bibliographia Thomistica*. 2009. Disponível em:
<<http://www.corpusthomisticum.org/zbiblia.html>>.
Acesso em: 9 jun. 2014.

_____. Una cuestión de método: consideraciones previas a la interpretación de Sto. Tomás de Aquino. *Aquinate*, n.1, p. 200-213, 2005.

ALLERS, Rudolf. *Naturaleza y educación del carácter*. Traducción H. Rodríguez Sanz. Madrid: Labor, 1957.

ALONSO-FERNÁNDEZ, Francisco. *Fundamentos de la psiquiatría actual*. 4. ed. Madrid: Paz Montalvo, 1979. 2 v.

ARISTÓTELES. *Da alma*. Tradução e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.

_____. *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego

com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução (do Italiano para o Português) Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. v. 2.

BARBADO, Manuel. *Introducción a la psicología experimental*. 2. ed. Madrid: Instituto Luís Vives de Filosofía, 1943.

BRAGHIROLLI, Elaine Maria et al. *Psicologia geral*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRANDÃO, José Messias Lins. *A atualidade e importância da potência cogitativa, segundo a doutrina de São Tomás de Aquino*. 2012. 257f. Tese (Doutorado Canônico em Filosofia) – Universidade Pontifícia Bolivariana, Medellín, 2012.

BRENNAN, Robert Edward. *Psicología general*. Tradução Antonio Linares Maza 2. ed. Madrid: Morata, 1969.

_____. *Psicología tomista*. Tradução Efren Villacorta Saiz, revisão José Fernandez Cajigal. Barcelona: Científico Médica, 1960.

BRUYNE, Edgar de. *Estudios de estética medieval*. Tradução Armando Suárez. Madrid: Gredos, 1959. 3 vol.

BUTERA, Giuseppe. Thomas Aquinas and cognitive therapy: an exploration of the promise of the

Thomistic Psychology. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, v. 17, n. 4, p. 347-366, Dec. 2010.

CALIMAN, Luciana Vieira. Os valores da atenção e a atenção como valor. *Estudos e pesquisas em psicologia* [online]. Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812008000300006&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 jul. 2014.

CAMELLO, Maurílio José Oliveira. Introdução. In: TOMÁS DE AQUINO, Santo. *De Magistro*: sobre o mestre (Questões discutidas sobre a verdade, XI). Tradução e notas de Maurílio José Oliveira Camello. Lorena: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2000. p. 6-21.

CANTIN, Stanislas. *Précis de psychologie thomiste*. Québec: Université Laval, 1948.

CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do ethos*. 2012. 571f. Tese (Doutorado em Bioética) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2012. Disponível em:

<<http://philpapers.org/rec/CAVCDP-2>>.

_____. *Pessoa, ética e educação sob o enfoque tomista*. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2011. Disponível em:

<<http://philpapers.org/archive/DEHPTE.pdf>>.

_____. *Psicologia geral sob o enfoque tomista*. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2010.

CHRISTIANSON, Sven-Ake (editor). *The handbook of emotion and memory: research and theory*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1992.

CLÁ DIAS, João Scognamiglio. O primeiro olhar da inteligência. *Lumen Veritatis*, São Paulo, n. 12, p. 9-31, jul.-set. 2010.

_____. Os princípios da ação moral, caminho seguro para chegar à santidade. *Lumen Veritatis*, São Paulo, n. 13, p. 9-30, out.-dez. 2010.

_____. *La 'primera mirada' del conocimiento y la educación: un estudio de casos*. 2009. 246f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidad Católica de Colômbia, Bogotá, 2009.

COLLIN, Henri. *Manuel de philosophie thomiste*. Psychologie. Reedição de Robert Terribilini. Paris: Téqui, 1949. v. 2.

DERISI, Octavio Nicolás. *Esencia y vida de la persona humana*. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1979.

DORIS, John Michael. *Lack of character: personality and moral behavior*. New York: Cambridge

University Press, 2002.

ECHAVARRÍA, Martín F. El modo de subsistir personal como reflexión sustancial según Tomás de Aquino. *Espíritu*, v. 62, n.146, p. 277-310, 2013.

_____. Persona y personalidad. De la psicología contemporánea de la personalidad a la metafísica tomista de la persona. *Espíritu*, v. 59, n. 139, p. 207-247, 2010.

ELDERS, Leo. *La metafísica dell'essere di San Tommaso d'Aquino in una prospettiva storica I. L'essere comune*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1995.

_____. *Sobre el método en Santo Tomás de Aquino*. Buenos Aires: Sociedad Tomista Argentina, 1992.

EY, Henri; BERNARD, Paul; BRISSET, Charles. *Tratado de psiquiatría*. Traducción Carlos Ruiz Ogara, adaptación Aurelio López Zea. 8. ed. da 5. ed. francesa, rev. e atual. Barcelona: Toray-Masson, 1978.

FAITANIN, Paulo Sérgio. A metodologia de São Tomás de Aquino. *Aquinate*, n. 4, p. 122-135, 2007.

_____. Acepção 'teológica' de pessoa em Tomás de Aquino. *Aquinate*, n. 3, p. 47-58, 2006.

_____. *A psicologia tomista*. [20--]. Disponível em: <<http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/tomismo-filosofia-a-psicologiatomista.htm>> Acesso em: 7 jun. 2011.

FIGUEIREDO, Maria José. Introdução. In: TOMÁS DE AQUINO, Santo. *O ente e a essência*. Introdução, tradução, notas e apêndice de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. p. 11-36.

FORMENT, Eudaldo. El personalismo de Santo Tomás. *Sapientia*. v. 45, n. 178, p. 277-294, 1990.

_____. *Ser y persona*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 1982.

GALLO, Jorge Herrera. *La psicología tomista en la actualidad*. [20--]. Disponível em: <<http://www.enduc.org.ar/comisfin/ponencia/102-06.doc>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

GARDEIL, Henri Dominique. *Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino*. Tradução Wanda Figueiredo. São Paulo: Duas Cidades, 1967. 2 v.

GARDNER, Howard. *O verdadeiro, o belo e o bom: os princípios básicos para uma nova educação*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GARRIGOU-LAGRANGE, Réginald. *El sentido*

común, la filosofía del ser y las fórmulas dogmáticas. Tradução Octavio Nicolas Derisi. Buenos Aires: Desclée de Brouwer, 1944.

GILLET, Martin Stanislas. La méthode philosophique de S. Thomas et l'expérience. *Angelicum*, n. 7, p. 145-168, 1930.

GRABMANN, Martin. De methodo historico in studiis scholasticis adhibenda. *La Ciencia Tomista*, n. 27, p. 194-209, 1923.

GRAEFF, Frederico. Bases biológicas do transtorno de estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 25, s. 1, p. 21-24, 2003.

GUZIE, Tad W. *The analogy of learning: an essay toward a Thomistic Psychology of learning.* New York: Sheed and Ward, 1960.

KENNY, Anthony. *Uma nova história da filosofia ocidental.* Volume II: Filosofia Medieval. Tradução Carlos Bárbaro. São Paulo: Loyola, 2008.

LOBATO, Abelardo. *Ser y belleza.* Madrid: Unión Editorial, 2005.

_____. Fundamento y desarrollo de los trascendentales en Santo Tomás de Aquino. *Aquinas*, n. 34, p. 203-221, 1991.

LOMBO, José Angel. *La Persona en Tomás de Aquino*. Un estudio Histórico y sistemático. Roma: Pontificia Università della Santa Croce, Apollinare Studi, 2001.

MANZANEDO, Marcos F. *Las pasiones según Santo Tomás*. Salamanca: San Esteban, 2004.

MARTÍNEZ, Ángel Izquierdo. Temperamento, carácter, personalidad: una aproximación a su concepto e interacción. *Revista Complutense de Educación*, v. 13, n. 2, p. 617-643, 2002.

MAYER, Mary Hellen; FITZPATRICK, Edward. *Filosofia da educação de Santo Tomás de Aquino*. Tradução Maria Ignez de Moraes Cardim. São Paulo: Odeon, 1935.

MCPARTLAN, Paul. Pessoa. In: LACOSTE, Jean-Yves (Org.). *Dicionário crítico de Teologia*. Tradução Paulo Meneses et al. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2004. p. 1393-1399.

MONDIN, Battista. *La metafisica de S. Tommaso d'Aquino e i suoi interpreti*. Bologna: Studio Domenicano, 2002.

MORI, Geraldo Luiz de. A trajetória do conceito de pessoa no Ocidente. *Theologica xaveriana*. Bogotá, v. 64, n. 177, p. 59-98, enero-junio 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/thxa/v64n177/v64n>

[177a03.pdf](#)>. Acesso em: 17 nov. 2014.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo. Ideias: formas, *rationes* e *species*. A *Quaestio de ideis* de Tomás de Aquino. *Discurso*, n. 40, p. 95-121, 2010.

OLIVEIRA SOUZA, Dartagnan Alves de. *O pulchrum e a quarta via de Tomás de Aquino*. 2011. 285f. Tese (Doutorado em Filosofia). Roma: Pontificia Studiorum Universitas Salesiana, 2011.

PERGHER, Giovanni Kuckartz et al. Memória, humor e emoção. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 28, n. 1, p. 61-68, 2006.

PINTO, Amâncio da Costa. O impacto das emoções na memória: alguns temas em análise. *Psicologia, educação e cultura*, v. 2, n. 2, p. 215-240, 1998.

REISBERG, Daniel (Ed.); HERTEL, Paula (Ed.). *Memory and emotion*. Series in affective science. New York: Oxford University Press, 2004.

RODRÍGUEZ, Victorino. *Estudios de antropología teológica*. Madrid: Speiro, 1991.

ROYO MARÍN, Antonio. *Teología de la perfección Cristiana*. Madrid: B.A.C., 1954.

SALLES, Sérgio de Souza. Aos significados de análise e síntese em Tomás de Aquino. *Coletânea*, n.

8, v. 15, p. 125-141, 2009.

_____. O *modus cogitandi* de Tomás de Aquino: notas sobre os conceitos de *resolutio* e *compositio*. *Aquinate*, n. 4, p. 87-100, 2007.

SAUCIER, Gerard; GOLDBERG, Lewis R. Personnalité, caractère et tempérament: la structure translinguistique des traits. *Psychologie française*, v. 51, n. 3, p. 265-284, 2006.

SAWREY, James M.; TELFORD, Charles W. *Psicologia educacional*. 6. reimpressão. Tradução equipe do Gabinete de Psicologia do Instituto de Educação, sob coordenação de Iva Waisberg Bonow. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1971.

SVRAKIC, Dragan. Temperament, character, and personality disorders: etiologic, diagnostic, treatment issues. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, v. 106, n. 3, p. 189-195, 2002.

TANQUEREY, Adolphe. *Compêndio de teologia ascética e mística*. Tradução da 5. ed. francesa por J. Ferreira Fontes. 2 ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1932.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. Tradução Aldo Vannuchi et al. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011. v. 5.

_____. *Suma Teológica*. Tradução Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2005. v. 4.

_____. _____. Tradução Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2003. v. 3.

_____. _____. Tradução Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2002. v. 2.

_____. *Suma Teológica*. Tradução Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1.

_____. *De Magistro*: sobre o mestre (Questões discutidas sobre a verdade, XI). Tradução e notas de Maurílio José Oliveira Camello. Lorena: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2000.

_____. *O ente e a essência*. Introdução, tradução, notas e apêndice de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

_____. *Le questioni disputate*. La verità (De Veritate), questioni 10-20. Testo latino dell'Edizione Leonina e traduzione italiana. Tradução Roberto Coggi. Bologna: Studio Domenicano, 1992. v. 2.

_____. *Summa Contra Gentiles*. Textum Leoninum emendatum ex plagulis de prelo Taurini, 1961. Liber I a capite XLIV ad caput LXXI. Disponível em: <<http://www.corpusthomicum.org/scg1044.html>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

_____. *Sentencia in Aristotelis libri De Anima*. Textum Taurini, 1959. Disponível em: <<http://www.corpusthomisticum.org/can2.html>>. Acesso em: 3 ago. 2011.

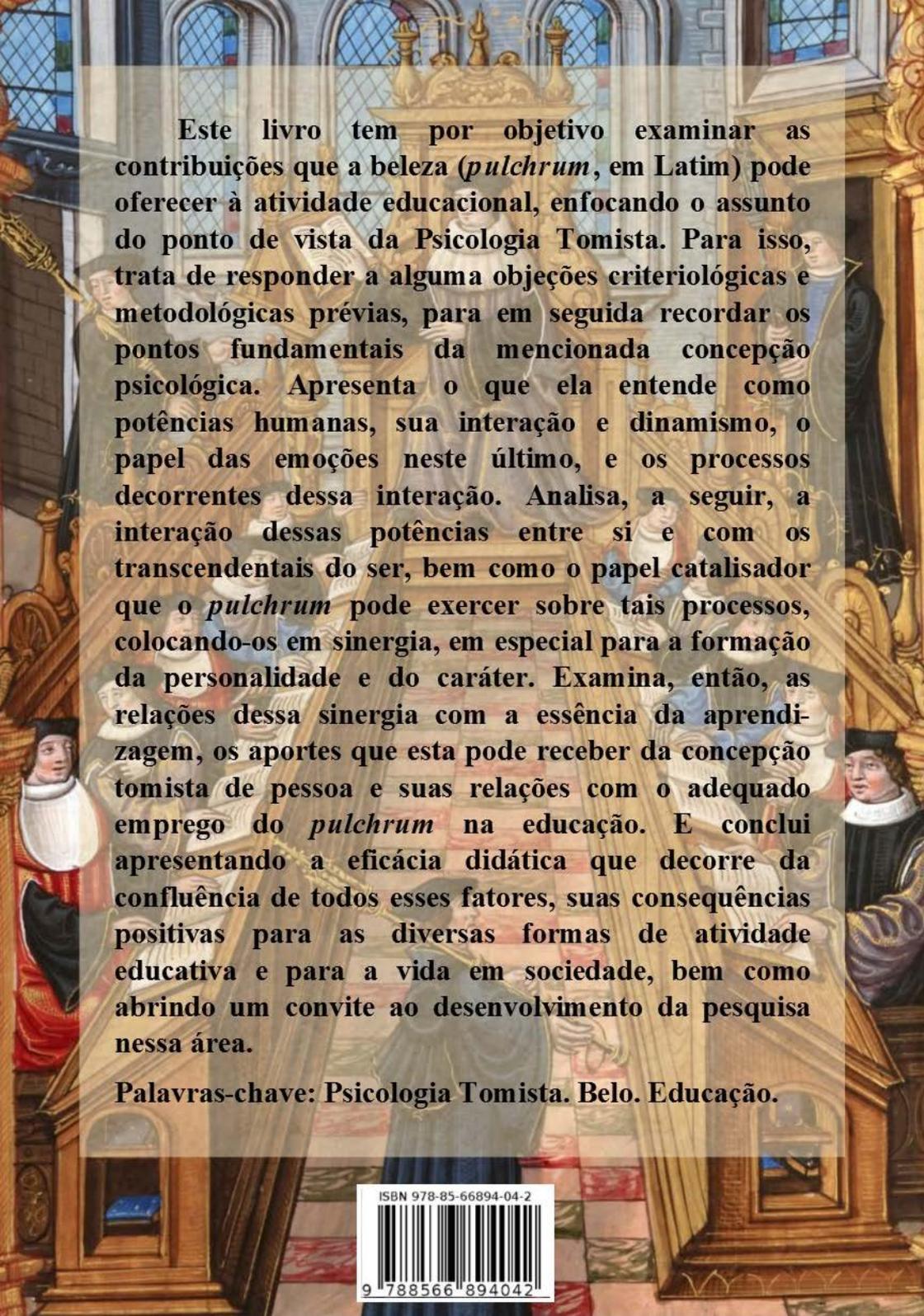
_____. *Scriptum super Sententiis magistri Petri Lombardi*. Textum Parmae, 1858. Disponível em: <<http://www.corpusthomisticum.org/snp3026.html>>. Acesso em: 8 nov. 2014.

VALLEJO-NÁGERA, Juan Antonio. In: _____. (Org.). *Guía práctica de psicología*. Madrid: Temas de Hoy, 1998.

VERNEAUX, Roger. *Filosofia do homem*. Tradução Cristiano Maia e Roque de Aniz. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

ZAMBRUNO, Pablo Santiago. *Via pulchritudinis: ensayo de estética tomista*. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2012.

ZARAGÜETA BENGOETXEA, Juan. *Los rasgos fundamentales de la psicología tomista*. Madrid: La Enseñanza, 1925.



Este livro tem por objetivo examinar as contribuições que a beleza (*pulchrum*, em Latim) pode oferecer à atividade educacional, enfocando o assunto do ponto de vista da Psicologia Tomista. Para isso, trata de responder a algumas objeções criteriológicas e metodológicas prévias, para em seguida recordar os pontos fundamentais da mencionada concepção psicológica. Apresenta o que ela entende como potências humanas, sua interação e dinamismo, o papel das emoções neste último, e os processos decorrentes dessa interação. Analisa, a seguir, a interação dessas potências entre si e com os transcendentais do ser, bem como o papel catalisador que o *pulchrum* pode exercer sobre tais processos, colocando-os em sinergia, em especial para a formação da personalidade e do caráter. Examina, então, as relações dessa sinergia com a essência da aprendizagem, os aportes que esta pode receber da concepção tomista de pessoa e suas relações com o adequado emprego do *pulchrum* na educação. E conclui apresentando a eficácia didática que decorre da confluência de todos esses fatores, suas consequências positivas para as diversas formas de atividade educativa e para a vida em sociedade, bem como abrindo um convite ao desenvolvimento da pesquisa nessa área.

Palavras-chave: Psicologia Tomista. Belo. Educação.

ISBN 978-85-66894-04-2



9 788566 894042